

A ESCOLA PRIMARIA

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM

Redacção: RUA 7 DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURA

Para o Brasil — Um anno..... 15\$000
6 mezes..... 8\$000

SUMMARIO

—	Missão pedagogica Sul-riograndense	Mestre—Escola	Tres palavrinhas.
A. Mello Franco.....	Claudio Manoel da Costa (conferencia)	P. A. Pinto.....	Miudezas de linguagem
Francisco Prisco.....	Alcoolismo (conferencia)	Nair M. de Vasconcellos.....	Pratica da Escola Activa
Dr. Pedro Pinto.....	Problema elementar de chimica	Othello Reis.	Educação do homem e do cidadão
		" "	Geographia

Missão pedagogica sul-riograndense

Durante cerca de um mez estiveram entre nós, em commissão, seis professoras designadas pela administração sul-riograndense, em visita aos estabelecimentos de ensino primario do Districto Federal, donde partiram rumo do Estado de Minas Geraes, afim de se dirigirem após a São Paulo.

Queremos aproveitar a oportunidade para louvar a optima iniciativa do governo da prospera unidade do extremo sul da Republica, que assim procura pôr em contacto seus professores com os dos demais Estados, em que assidua tem sido a dedicação administrativa ás questões da educação popular.

Fiamos que seria de grande vantagem o estabelecimento dessa aproximação interestadual com o character permanente. E' preciso que a Prefeitura do Districto Fe-

deral facilite tambem o conhecimento, por parte de seu magisterio, do que vae pelo paiz. Serão optimas oportunidades de conhecerem o proprio paiz e seus progressos, principalmente no dominio educativo.

Não ousamos pretender já a permuta temporaria de professores, assentada e corrente entre varios paizes, mas as simples visitas de curiosidade estamos certos de que já contribuiriam poderosamente para a diffusão das boas idéas e praticas salutaras. Não ha muito que contar com a leitura de relatorios e noticias: é preciso «vêr» como se passam as coisas.

A' actual administração do ensino municipal, que não tem sido parca de iniciativas louvaveis, não ha de escapar a alta finalidade desta aproximação, que aqui suggerimos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção: Rua Sete de Setembro, 174

gencias, animado pelo sopro do patriotismo, dominado por idéas generosas e illuminado pelos clarões que o sol immenso da Revolução Franceza e da libertação das colonias inglezas da America do Norte projectava na densa noite do Brasil Colonial, alimentou o sonho sublime de organização de uma livre Patria, nas montanhas de sua terra. A nova Arcadia, como a sua gloriosa irmã do Peloponeso, alteando-se em suas cordilheiras, estava predestinada a ser o berço da independencia nacional guiada por seus pastores predilectos, que trocavam a lyra pelos instrumentos de guerra.

Claudio Manoel da Costa, que, na Arcadia Ultramarina tomou o nome de *Glauceste Saturnio*; Alvarenga Peixoto, o de *Alceu*, e Thomaz Antonio Gonzaga, o de *Dirceu*, formam entre as primeiras figuras que se immortalizaram pela famosa sentença da Alçada de 20 de abril, 2 e 9 de maio de 1792. Essa Arcadia Ultramarina, que, como a sua irmã de Roma, fundada em 1690, e a de Lisboa no reinado de D. José I, tinha por fim proteger a sciencia, a litteratura e as bellas artes, — parece que foi tambem um centro de agitação revolucianaria, ou, pelo menos, uma instituição, que, nos ultimos tempos, tomou um certo caracter politico, secreto. Esta hypothese resulta da prova de certos factos da historia da época, entre os quaes o do fechamento, pelo tórvo e suspicaz Conde de Rezende, da *Sociedade Literaria*, fundada no Rio de Janeiro, pelo seu antecessor — Marquez de Labradio — e amparada pelo Vice-Rei que o substituiu, Luiz de Vasconcellos e Souza.

A fundação dessa Arcadia Ultramarina remonta, segundo a opinião do General Abreu Lima, expressa á pag. 232, da *Deducção Chronologica*, ao anno de 1760, sob o nome de *Arcadia do Rio das Mortes*; mas, Xavier da Veiga pensa que foi, mais ou menos, em 1782, que se organi-

zou, na cidade do Rio de Janeiro, aquella instituição, com filiaes em Minas, São Paulo, e, talvez, em outros pontos do Brasil.

Empossado do seu cargo de vice-rei, a 4 de junho de 1790, o Conde de Rezende, "sombrio no pensamento e, peor ainda, sombrio nos seus actos", proseguiu implacavelmente nos trabalhos da feroz *devassa*, aberta no Rio de Janeiro e em Minas Geraes, para a descoberta dos réos de lesa-majestade da conspiração da Inconfidencia. Suspeitos todos os homens de letras, fechada arbitrariamente a Sociedade Literaria, foram encarcerados, mettidos a ferros, na fortaleza da Conceição, varios poetas, philosophos e pensadores, entre os quaes o poeta mineiro, dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, cujos bens, livros e museus foram confiscados, e Mariano José Pereira da Fonseca, que foi mais tarde Marquez de Maricá.

A accusação que pesava sobre elles era a de se reunirem em casa do primeiro, onde as apparentes palestras litterarias encobriam perigosas machinações de *Jacobinos e libertinos* contra a segurança do governo regio e contra a Igreja.

Considerados como chefes da *Conjuração Mineira* tres dos maiores poetas de Portugal daquelle tempo e do Brasil — Claudio Manoel, Thomaz Gonzaga e Alvarenga Peixoto — "o taciturno vice-rei viu nesse facto aviso ou advertencia para se acautelar com os poetas da vasta colonia cuja primeira autoridade era".

Não é, portanto, aventuroso inferir desses factos que a *Arcadia Ultramarina* não era somente um ninho de trovadores lyricos, mas sim tambem um centro de agitação patriótica, em que os *Glauceste, Saturnio, Fileno, Alceu, Evandro, Alcindo, Palmireno, Dirceu, Critillo* e outros cultivavam a simplicidade buccolica e os pastores pelos riscos de um levantamento revolucionario cujo fim era a emancipação da colonia e a

fundação de uma republica soberana no territorio da Capitania de Minas Geraes.

O joven dr. José Alvares Maciel, filho de um Capitão-mór, de Villa Rica e ahi nascido em 1761, não era da *Arcadia* apezar de sua cultura e de sua intelligencia, aprimorada nas viagens que emprehendeu pelo velho Mundo, principalmente pela Inglaterra e pela França, onde, com outros tres estudantes brasileiros — José Pereira Ribeiro, José Joaquim da Maia e José Mariano Leal — fôra recebido por Thomaz Jefferson, então Ministro Plenipotenciario da nova Republica dos Estados Unidos da America do Norte, que o animara a trabalhar pela causa da independencia do Brasil.

Fôra elle — esse culto e destemeroso rapaz de vinte e poucos annos de idade — quem primeiro se entretivera com o Alferes Joaquim da Silva Xavier, no Rio de Janeiro, concertando o plano da conjuração que foi ganhando aos poucos os espiritos e fortalecendo-se com a adhesão dos homens mais eminentes da Capitania.

Não sendo Maciel da grez dos poetas e sonhadores da *Arcadia*, mas sim um espirito pratico, disciplinado no estudo das sciencias naturaes e na applicação destas ás industrias, que começavam a desabrochar para a surpreendente phase dos tempos modernos, deve-se cocluir que o movimento tentado não era apenas um sonho ingenuo, ainda que generoso, de trovadores e juristas, mas qualquer coisa de mais profundo na alma popular, empolgando os sentimentos de personalidades das mais diversas formações moraes e das mais differentes profissões: soldados, como o tenente-coronel de dragões Francisco de Paula Freire de Andrada, o sargento-mór Luiz Vaz de Toledo Piza, o tenente-coronel da cavallaria auxiliar Domingos de Abreu Vieira e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o *Tiradentes*:

sacerdotes, como José da Silva, e Oliveira Rolim, e José Lopes de Oliveira; medicos, como o Dr. Domingos Vidal Barbosa Lage; fazendeiros, como os dois José de Rezende Costa, pae e filho; magistrados, como Alvarenga Peixoto e Thomaz Gonzaga.

Esse era o quadro social da época, quando começou o commovente drama historico, em cujo desenrolar se insculpiram em bronze eterno, as mais fulgentes paginas da epopéa de nossa independencia, regada pelo sangue generoso de Tiradentes e pelo martyrio dos seus companheiros no desterro cruel dos ardentes areas africanos.

A primeira victima da feroz *devassa* instaurada em Minas foi Claudio Manoel da Costa, jurista, philosopho, poeta, antigo secretario geral do governo da Capitania, nas administrações do Capitão-General Gomes Freire de Andrada (Conde Bobadella), Luiz Diogo Lobo da Silva e D. José Luiz de Menezes Abranches Castel-Branco (Conde de Valladares).

Evoquemos por um instante a sua figura terrena, através de um trecho de meu saudoso irmão, Affonso Arinos, em sua *Atalaia Bandeirante*, quando descreve a Villa Rica de 1789:

"Abaixo, a antiga residencia de Claudio Manoel da Costa, o suicida da Casa dos Contos, o poeta mavioso dos sonetos a Nize. O martello do pregoeiro da justiça regia que cahiu sobre a quieta morada do cantor do patrio ribeiro; o auto de sequestro arrolou todos os moveis e immoveis do desventurado inconfidente; nem escaparam a roupa e os livros. E que fino não devia ser este homem, que fazia versos como Petrarcha e sabia compol-os tambem na propria lingua de Petrarcha!

"Temos á vista o arrolamento dos bens confiscados ao arcade ultramarino Glauceste Saturnio ou Claudio Manoel: cadeiras, estofadas de damasco, espadim de finos lavores, chapéos das, vestidos completos, ou ternos-ca-

misas de bretanha com folhas de rendas, vestidos completos, outernos-casaca, vestia e calções, de panno carmezim, caseado de ouro; de cabava verde, com chuva de prata; de velludo côr de cereja; de seda branca matizada; de belbute amarello; de ganga, bordada de preto; de panno verde; de sarja preta de seda; de belbute preto; de droguete castor preto; de seda com bordadura larga; de setim côr de rosa, com ramos de ouro e matizes; de chita abrilhantada; de seda preta; e mais o manto de cavalleiro de Christo, os casacões, os capotes, a bolsa contendo as oitavas de ouro, as centenas de volumes de velhos praxistas, de philosophos, de poetas classicos, os autographos de versões, as proprias imagens dos santos de devoção, cobertas com redomas de vidro! E os escravos, as terras, as lavras o cavallo alazão, com uma silva na testa, dois castanhos, um dos quaes frontaberto, cinco bestas arreadas, duzias de pratos de porcellana da India, os proprios oculos do advogado, o seu livro de Horas — tudo com tal minucia, tal apuro de individuação, que, insensivelmente, a casa do poeta se nos desenha tal como era ha 114 annos!

Vemol-o debrucado em seu buffet de trabalho, nas noites humidas e frias de Villa Rica, mettido no casaca acamurcado de baetão, com os oculos perdurados no nariz, revendo versos, ou razões, á luz do candieiro; ou, familiarmente, ao lado de seu intimo desembargador Gonzaga, comunicando-se reciprocamente as ultimas produções, emquanto o sino da Cadeia toca á recolhida, sôa a corneta na rria muralha do palacio do Capitão-General, e os negros passam apressados, batendo na calçada as alpercatas de couro, a fugirem da ronda."

Thomaz Gonzaga, o companheiro constante de Claudio Manoel, recordou tambem, do fundo de seu carcere, os dias felizes de sua convivencia com

o confrade, nos suaves versos seguintes:

"Que diversas que são Marilia, as
[horas,
Que passo na masmorra, immunda e
[feia,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Caluceste,
E, á sombra d'alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os com-
[punha

A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astro leva;
De exceder um ao outro qualquer
[trata:

O écho agora diz: Marilia terna;
E logo: Eulina ingrata.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito;
Mal t'os dava, e os lias, os guardavas
No casto e branco peito."

Commemora hoje o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o bicentenario do nascimento do poeta, occorrido a 6 de Junho de 1729, do mesmo modo que commemorou sollemnemente, a 4 de Julho de 1889, o centenario de sua morte, occorrida em um dos segredos mandados construir pelo governador Visconde de Barbacena, na casa do real contracto, das entradas, posteriormente chamada casa dos contos — então de propriedade do contractador João Rodrigues de Macedo e adjudicada em 1803 ao Real Erario em pagamento do alcance do mesmo Macedo para com a fazenda regia, na importancia de réis 639:859\$807.

O tomo LIII, parte 1 da *Revista Trimensal* deste Instituto, é quasi todo dedicado ao primeiro martyr precursor da liberdade nacional, áquelle que, participando dos planos da conjuração, propoz para as armas da Republica mallograda o lemma *aut li-*

bertas, au nihil, e que, actuando em seu meio como poeta de largo vôo, foi cognominado pelos pósteros o *Metastasio brasileiro*.

A allocução do então Presidente do Instituto — Joaquim Norberto de Souza e Silva — grave, erudita, sollemne e eloquente; o discurso do orador — Senador Alfredo de Escragnole Taunay — elevado, imaginoso e quente; o estudo minucioso, imparcial e revelador do alto saber historico do Dr. José Alexandre Teixeira de Mello; as *notas biographicas*, escriptas pelo mesmo presidente Joaquim Norberto, — trabalhos estes lidos na sessão commemorativa acima citada e publicados no dito numero da *Revista do Instituto*, — constituem rico e precioso repositório, que, reunido aos trechos das numerosas apreciações de escriptores nacionaes e estrangeiros acerca das obras do poeta, exgottou, realmente, tudo quanto deste se poderia dizer.

A não ser essa copiosa fonte de informações acerca da vida e das obras do poeta, só se descobriram graças ás pacientes pesquisas do eminente e douto polygrapho, senhor Barão de Ramiz Galvão, as composições publicadas na *Revista Brasileira* de 1895, e que se conservaram ineditas por mais de um seculo — composições essas que foram offerecidas á bibliotheca do "Club Claudio Manoel da Costa", da cidade de Marianna, pelo illustre mineiro, Dr. Joaquim Vieira de Andrade, antigo deputado á Assembléa Geral do Imperio e notavel medico natural da cidade do Serro.

Quanto a Claudio Manoel, como patriota, precursor da independencia de nossa terra, como homem de caracter e comparsa da vida civica de seu tempo, é da mais alta importancia o subsidio trazido á sua biographia pelo notavel historiador mineiro — José Pedro Xavier da Veiga — na ephemeride escripta sobre a data de 4 de Julho de 1789, baseada em estudo pro-

fundo, publicado pelo Dr. José Alexandre Teixeira de Mello no segundo volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

Apoiado nesses valorosos elementos, tentarei esboçar o perfil historico da primeira victima da sanhuda justiça d'El-Rei, apreciando primeiramente o homem como poeta, e, depois como figurante no drama da Inconfidencia.

O POETA

A obra poetica de Claudio Manoel compõe-se conforme a relação publicada pelo Dr. Teixeira de Mello no citado tomo LIII, parte 1, da *Revista* deste Instituto, dos seguintes trabalhos:

Minusculo Metrico, consagrado a D. Francisco da Annuniação, Reitor da Universidade de Coimbra — edição de 1751;

Epicedio, consagrado á memoria de Frei Gaspar da Encarnação, reformador dos Conegos de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra — edição de 1753;

Labyrintho de Amor, poema — edição de 1753;

Numeros Armonicos temperados em heroica e lyrica consonancia, — edição de 1753;

Obras de Claudio Manoel da Costa Arcade Ultramarino, chamado Glauceste Saturnio, — edição de 1763;

Villa Rica, poema publicado em 1841, na typographia do *O Universal*, de Ouro Preto, pelo socio fundador deste Instituto, senador José Pedro Dias de Carvalho, em obsequio ao mesmo Instituto.

Além dessas obras, creio que só se conhece o que foi publicado pelo nosso eminente mestre e consocio, Sr. Barão de Ramiz Galvão, no tomo segundo, anno primeiro da *Revista Brasileira*, em 1895, a que acima nos referimos. Esta ultima colleção, que, em manuscrito do poeta, foi encon-

misas de bretanha com folhas de rendas, vestidos completos, outernos-casaca, vestia e calções, de panno carmezim, caseado de ouro; de cabava verde, com chuva de prata; de velludo côr de cereja; de seda branca matizada; de belbute amarello; de ganga, bordada de preto; de panno verde; de sarja preta de seda; de belbute preto; de droguete castor preto; de seda com bordadura larga; de setim côr de rosa, com ramos de ouro e matizes; de chita abrilhantada; de seda preta; e mais o manto de cavalleiro de Christo, os casacões, os capotes, a bolsa contendo as oitavas de ouro, as centenas de volumes de velhos praxistas, de philosophos, de poetas classicos, os autographos de versões, as proprias imagens dos santos de devoção, cobertas com redomas de vidro! E os escravos, as terras, as lavras o cavallo alazão, com uma silva na testa, dois castanhos, um dos quaes frontaberto, cinco bestas arreadas, duzias de pratos de porcellana da India, os proprios oculos do advogado, o seu livro de Horas — tudo com tal minucia, tal apuro de individuação, que, insensivelmente, a casa do poeta se nos desenha tal como era ha 114 annos!

Vemol-o debrucado em seu buffet de trabalho, nas noites humidas e frias de Villa Rica, mettido no casacão acamurçado de baetão, com os oculos perdurados no nariz, revendo versos, ou razões, á luz do candieiro; ou, familiarmente, ao lado de seu intimo desembargador Gonzaga, comunicando-se reciprocamente as ultimas produções, emquanto o sino da Cadeia toca á recolhida, sôa a corneta na riva muralha do palacio do Capitão-General, e os negros passam apressados, batendo na calçada as alpercatas de couro, a fugirem da ronda."

Thomaz Gonzaga, o companheiro constante de Claudio Manoel, recordou tambem, do fundo de seu carcere, os dias felizes de sua convivencia com

o confrade, nos suaves versos seguintes:

"Que diversas que são Marilia, as
[horas,
Que passo na masmorra, immunda e
[feia,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Caluceste,
E, á sombra d'alto cedro na campina,
Eu versos te compunha, e elle os com-
[punha

A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astro leva;
De exceder um ao outro qualquer
[trata:

O écho agora diz: Marilia terna;
E logo: Eulina ingrata.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos que de tarde havia feito;
Mal t'os dava, e os lias, os guardavas
No casto e branco peito."

Commemora hoje o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o bi-centenario do nascimento do poeta, occorrido a 6 de Junho de 1729, do mesmo modo que commemorou sollemnemente, a 4 de Julho de 1889, o centenario de sua morte, occorrida em um dos *segredos* mandados construir pelo governador Visconde de Barbacena, na *casa do real contracto, das entradas*, posteriormente chamada *casa dos contos* — então de propriedade do contractador João Rodrigues de Macedo e adjudicada em 1803 ao Real Erario em pagamento do alcance do mesmo Macedo para com a fazenda regia, na importancia de réis 639:859\$807.

O tomo LIII, parte 1 da *Revista Trimensal* deste Instituto, é quasi todo dedicado ao primeiro martyr precursor da liberdade nacional, áquelle que, participando dos planos da conjuração, propoz para as armas da Republica mallograda o lemma *aut li-*

bertas, au nihil, e que, actuando em seu meio como poeta de largo vôo, foi cognominado pelos pósteros o *Metastasio brasileiro*.

A allocução do então Presidente do Instituto — Joaquim Norberto de Souza e Silva — grave, erudita, sollemne e eloquente; o discurso do orador — Senador Alfredo de Escragno-le Taunay — elevado, imaginoso e quente; o estudo minucioso, imparcial e revelador do alto saber historico do Dr. José Alexandre Teixeira de Mello; as *notas biographicas*, escriptas pelo mesmo presidente Joaquim Norberto, — trabalhos estes lidos na sessão commemorativa acima citada e publicados no dito numero da *Revista do Instituto*, — constituem rico e precioso repositório, que, reunido aos trechos das numerosas apreciações de escriptores nacionaes e estrangeiros acerca das obras do poeta, exgottou, realmente, tudo quanto deste se poderia dizer.

A não ser essa copiosa fonte de informações acerca da vida e das obras do poeta, só se descobriram graças ás pacientes pesquisas do eminente e douto polygrapho, senhor Barão de Ramiz Galvão, as composições publicadas na *Revista Brasileira* de 1895, e que se conservaram ineditas por mais de um seculo — composições essas que foram offerecidas á bibliotheca do "*Club Claudio Manoel da Costa*", da cidade de Marianna, pelo illustre mineiro, Dr. Joaquim Vieira de Andrade, antigo deputado á Assembléa Geral do Imperio e notavel medico natural da cidade do Serro.

Quanto a Claudio Manoel, como patriota, precursor da independencia de nossa terra, como homem de caracter e comparsa da vida civica de seu tempo, é da mais alta importancia o subsidio trazido á sua biographia pelo notavel historiador mineiro — José Pedro Xavier da Veiga — na ephemeride escripta sobre a data de 4 de Julho de 1789, baseada em estudo pro-

fundo, publicado pelo Dr. José Alexandre Teixeira de Mello no segundo volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

Apoiado nesses valorosos elementos, tentarei esboçar o perfil historico da primeira victima da sanhuda justiça d'El-Rei, apreciando primeiramente o homem como poeta, e, depois como figurante no drama da Inconfidencia.

O POETA

A obra poetica de Claudio Manoel compõe-se conforme a relação publicada pelo Dr. Teixeira de Mello no citado tomo LIII, parte 1, da *Revista* deste Instituto, dos seguintes trabalhos:

Minuscúlo Metrico, consagrado a D. Francisco da Annuniação, Reitor da Universidade de Coimbra — edição de 1751;

Epicedio, consagrado á memoria de Frei Gaspar da Encarnação, reformador dos Conegos de Santo Agostinho da Congregação de Santa Cruz de Coimbra — edição de 1753;

Labyrintho de Amor, poema — edição de 1753;

Numeros Armonicos temperados em heroica e lyrica consonancia, — edição de 1753;

Obras de Claudio Manoel da Costa Arcade Ultramarino, chamado Glauceste Saturnio, — edição de 1763;

Villa Rica, poema publicado em 1841, na typographia do *O Universal*, de Ouro Preto, pelo socio fundador deste Instituto, senador José Pedro Dias de Carvalho, em obsequio ao mesmo Instituto.

Além dessas obras, creio que só se conhece o que foi publicado pelo nosso eminente mestre e consocio, Sr. Barão de Ramiz Galvão, no tomo segundo, anno primeiro da *Revista Brasileira*, em 1895, a que acima nos referimos. Esta ultima colleção, que, em manuscrito do poeta, foi encon-

trada pelo nosso referido consocio, na bibliotheca do "*Club Claudio Manoel da Costa*", em Marianna, comprehendendo: uma Fala, um Canto Epico, uma Cantata Epithalamica, duas eclogas, sete odes, dezeseite sonetos e duas glosas.

Das composições acima arroladas, que são tudo quanto chegou a nossos dias, da lavra do poeta, — as quatro primeiras são da época da adolescencia, quando Claudio Manoel cursava as aulas da Universidade de Coimbra. A sua grande obra, a do tempo da madureza, do integral desenvolvimento do espirito e do maior preparo intellectual, é a que se editou em Coimbra, em 1762, na officina de Luiz Secco Ferreira, sob aquelle titulo simples de *Obras de Claudio Manoel da Costa*, collecção esta que comprehende cem sonetos, dos quaes alguns em lingua italiana; tres epicedios; vinte eclogas; seis epistolas; oito cantatas; quatro romances e cançonetes em versos rimados e em toantes, — conforme a classificação feita pelo Dr. Teixeira de Mello em suas *Notas Bibliographicas*.

Escrevendo acerca da poesia e generos literarios no Brasil, Olavo Bilac e Guimarães Passos disseram, no "*Tratado de Versificação*", que Claudio "foi talvez o menos brasileiro e o mais classico dos poetas da época". Thomaz Gonzaga o maior lyrico e Basilio da Gama o maior épico, o mais brasileiro, e mais humano, o de mais vibrante inspiração e de mais colorido estylo.

Tambem Almeida Garrett, escrevendo acerca da obra de Claudio, "quizera que este, em vez de nos debuxar no Brasil scenas da Arcadia, quadros inteiramente europeus, pintasse os seus painéis com as cores do paiz onde as situou."

Mas, Theophilo Braga, em sua "*Historia da Literatura Portuguesa*" contesta a opinião dos que censuram a Claudio essa arguida falta de cunho nacional nas obras que nos legou. Ao

contrario de taes censores, acha o eminente mestre da critica portugueza que "os poetas da provincia de Minas, que se inspiravam das idéas encyclopedistas, foram os propugnadores da nacionalidade brasileira", e, referindo-se especialmente a Thomaz Gonzaga, diz que as suas *lyras* renovavam as velhas formas das *Serranilhas*, que persistiam entre o vulgo com o titulo de *modinhas, das quaes* Tolentino.

"Já de entre as verdes murteiras
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As modinhas brasileiras."

Para Theophilo Braga era da colonia que vinha para a Metropole a influencia literaria, com suas novas fontes de inspiração, tanto que as *lyras* de Gonzaga chegaram a supplantar em Portugal "a insipidez das composições arcadicas."

No dizer insuspeito desse grande mestre da historia da literatura do seu paiz, "quando o seculo se apresenta exausto de vigor moral e de talento, é da colonia, que se agita na espiração de sua independencia, que lhe vem a seiva das naturezas criadoras."

Desta opinião é tambem Sylvio Romero, que, ao tratar do periodo literario que vae de 1750 a 1830, época em que floresceu a chamada "*Escola Mineira*", lhe dá o nome de "*periodo do desenvolvimento autonomico.*"

A emancipação só veio com Gonçalves Dias e José de Alencar.

E' innegavel que Claudio, em suas imagens, evocava frequentemente a paisagem européa e que as margens do Mondego, do Lima e do Tejo estão mais nos seus versos do que as rudes e penhascosas ribas do seu patrio ribeirão. Sente-se nelles a miude a saudade das pittorescas regiões, em que o poeta passou cinco annos de sua mocidade, e, ás vezes, além da

saudade tambem o pesar de viver fóra dellas. Assim, em sua saudação á Arcadia Ultramarina, Claudio escreveu:

"Ah! Si da gloria vossa,
Pastores, cá me vira,
Tão digno, que na bella Arcadia nossa
Egualmente meu nome se insculpirá!
Entre a série preclara
De Glauceste a memoria se guardára.

Mas onde irá sem pejo
Collocar-se atrevido
Quem longe habita do sereno Tejo,
Quem vive do Mondego dividido,
E as auras, não serenas
Do Patrio Ribeirão respira apenas?

O poeta tinha saudades dos álamos, das falas, do manso gado, do silencio das herdades, em contraste com a natureza bravia das minas geraes, cujas montanhas o rude trabalho dos escravos, sob a inclemencia do tempo, rasgava e aluía, para extrahir o fulvo metal, com que se reconstituia o thesouro depauperado da Metropole.

Recordemos o bello soneto, que é um dos modelos de classicismo da nossa lingua:

"Leia a posteridade, ó patrio rio,
Em meus versos teu nome celebrado,
Porque vejas uma hora despertado
O somno vil do esquecimento frio.

Não vês nas tuas margens o sombrio
Fresco assento de um álamo copado,
Não vês nympha cantar, pascer o
gado
Na tarde clara do calmoso estio.

Turvo banhando as pallidas areias
Nas porções do riquissimo thesouro
O vasto campo da ambição recreias.

Que de seus raios o planeta louro,
Enriquecendo o influxo em tuas veias,
Quanto em chammas fecunda, brota
[em ouro.

Em uma das eclogas publicadas na *Revista Brasileira* pelo Sr. Barão de Ramiz Galvão tambem se lê:

"As doces esperanças vejo mortas
De tornar do Mondego á margem
[bella
E de bater de minha Arcadia ás por-
[tas.

Justa razão de suspirar por ella
Tens, amado Orsenio; eu tambem vejo
Quanto ingrata por minha é minha
[Estrella!

Aqui não é como no fresco Tejo,
Ou, como no Mondego, onde já vimos
Um e outro Pastor cantar sem pejo.

Ao geito desta terra nos cobrimos
De um bem tósco gabão, qual noutra
[idade
Não trouxe algum; de musica fugi-
[mos:
Vivemos só de vil necessidade.

De luta, jogo ou dança algum vaqueiro
Bem livre está de vêr que aqui se
[agrade
Tristes de nós neste Paiz grosseiro!"

Ferdinand Denis, em seu *Resumo da Historia Literaria do Brasil*, diz que as poesias de Claudio gozam de justa celebridade; "sente-se", diz esse critico, "que Claudio estudou principalmente os italianos, facto que talvez o tenha tornado muito europeu em suas imagens; elle parece desdenhar a bella natureza que o circumda; suas eclogas se submettem ás formas poeticas impostas pelos seculos precedentes, como si o habitante das campanhas do Novo Mundo devesse encontrar neste as mesmas imagens que se nos antolham no mundo antigo."

Do mesmo modo, o Dr. Paulo Menezes, fazendo a critica da obra de Claudio, disse que, "em suas produções campestres, pintára elle apaixonadamente a vida campestre, fal-

tando-lhes para as tornar de primor somente a influencia da patria.”

E, como os já citados criticos, tambem Ferdinand Wolf, Friedrich Bouſſerweck, Simon de Sismondi e tantos outros referidos nas “*apreciações de varios autores*”, publicadas por este Instituto sob o titulo de “*Corôa Claudiana*”, assignalam a influencia das escolas italianas e portuguezas nas composições de Claudio Manoel da Costa, principalmente a das leituras de Petrarca, Pietro Bonaventura Metastasio, Giovanni Battista Guarini, Camões, Benardim Ribeiro e Sá de Miranda.

Ha quem tenha admittido egualmente na formação espiritual de Claudio, como poeta lyrico, a influencia de Luiz de Gonzaga y Argota, poeta hespanhol, que viveu de 1561 a 1627 e mereceu o elogio de Cervantes, tendo legado á posteridade obras immortaes, ora inspiradas em um ardente sentimento patriotico, como na *Ode á d'Armado*, ora em trovas populares, como nas *letrillas*, ora em delicado e doce lyrismo, como em seus conhecidos sonetos, canções de amor e romances mouriscos.

Mas, no conceito mais geral, é a Metastasio que, principalmente, se attribue a mais directa ascendencia na formação literaria de Claudio Manoel, — o que parece perfeitamente verosimil, dada a circumstancia de terem sido contemporaneos os dois poetas, tendo o primeiro vivido de 1698 a 1782 e o segundo de 1729 a 1789.

Giovanni Battista Guarini é anterior a Claudio, pois falleceu em Veneza em 1612, sendo, entretanto, provavel que a leitura do seu *Pastor Fido* haja tambem inspirado o lyrismo pastoril de Claudio, que era um conhecedor perfeito da lingua italiana, em que escreveu muitas das suas melhores produções.

Dante e Petrarca, apesar de mais afastados ainda da época em que viveu o poeta mineiro, pois que o primeiro morreu em 1321, e o autor do

Canzoniere em 1374, são, de certo, a grande fonte originaria, em que se nutriram a inspiração de Metastasio e de Guarini e a lyrica emotiva de Claudio. O modelo mais directo deste foi, entretanto, Matastasio, com o seu gracioso florido e commovente lyrismo, foi fundado em dramas do amor, suas canções e cançonetas, em que, como no antigo theatro grego, se buscava aliar a cadencia dos versos ás toantes da musica.

Veja-se esta reminiscencia de Guarini:

“Toda a mortal fadiga adormecia
No silencio, que a noite convidava;
Nada o somno suavissimo alterava
Nada na muda confusão da sombra
[fria.

Só Fido, que de amor por Lize ardia,
No socego maior não repousava;
Sentindo o mal, com lagrimas culpava
A sorte, porque della se partia.

Vê, Fido, que o seu bem lhe nega a sor-
[te;
Querer enternecer-a é inutil arte;
Fazer o que ella quer, é rigor forte:

Mas de modo entre as penas se reparte;
Que a Lize rende a alma, a vida á mor-
[te;
Porque uma parte alenta a outra par-
[te.”

Os sonetos de Claudio são verdadeiras joias literarias, pequenos quadros como os das *illuminuras* da velha arte flamenga, ou os de Sandro Botticelli, embebidos sempre de um perfume de amor e sombreados por uma constante nota de tristeza, que parece resultar de uma paixão infeliz.

Vêde como é bello este soneto a Nize:

Nize? Nize? Onde estás? Aonde espera
Achar-te uma alma que por ti suspira.
Si quanto a vista se dilata e gyra,
Tanto mais de encontrar-te desespera!

Ah! Si ao menos teu nome ouvir pu-
[dera
Entre esta aura suave que respira!
Nize, cuido que diz, mas é mentira;
Nize, cuidei que ouvia, e tal não era.

Grutas, troncos, penhascos da espessu-
[ra.
Si o meu bem, si a minha alma em vós
[se esconde,
Mostrae, mostrae-me a sua formosura.

Nem ao menos o éco me responde!
Ah! Como é certa a minha desventura!
Nize? Nize? Onde estás? Aonde? Aon-
[de?

Luiz de Camões não se envergonharia de subscrever este lindo e delectado soneto, tão suggestivo, tão cheio de sentimento, tão enquadrado no seu estilo harmonico e nobre.

Leiamos mais este outro:

“Este é o rio, a montanha é esta,
Estes os troncos, estes os rochedos;
São estes inda os mesmos arvoredos;
Esta é a mesma rustica floresta.

Tudo cheio de horror se manifesta,
Rio, montanha, troncos e penedos;
Que de amor nos suavissimos enredos
Foi scena alegre, e é urna já funesta.

Oh quão lembrado estou de haver su-
[bido
Aquelle monte, e ás vezes que, baixan-
[do,
Deixei de pranto o valle humedecido!

Tudo me está a memoria retratando:
Que da mesma saude o infame
[ruído
Vem as mortas — idéas despertando.”

Os sonetos são, no dizer do eminente mestre — Dr. João Ribeiro —, dentre a copiosa produção que nos legou Claudio Manoel, a eterna corôa de gloria de sua obra literaria.

Os seus romances, cançonetas e

cantatas, as suas odes, as suas eclogas, epicedio e epitolas contêm, entretanto, admiraveis trabalhos, que por si sós justificariam a opinião dos que o consideram um dos maiores poetas de nossa lingua no seculo em que elle viveu.

Menos benigna é a critica dos competentes em relação ao poema heroico *Villa Rica*, que, ao que se suppõe, o proprio poeta não quiz entregar á publicidade, convencido, talvez, de que elle nada ajuntaria á sua gloria literaria. “Não é sómente a monotonia”, diz o professor João Ribeiro, “é a pobreza de inspiração, que, nos desinteressam no poema; mas é o tom laudatorio, o odor do incenso que se trahem em versos, por ventura menos movidos do amor da patria que da lisonja.”

A epopéa das *bandeiras*, que o poeta poz como objecto do poema, possui, como bem o assignala o erudito mestre citado, materia epica, em muito superior á do *Uruguay*, de Basilio da Gama; mas, os decasyllabos sem rima do poema épico de Basilio, cantando a lucta dos portuguezes, contra os indios, instigados pelos jesuitas, são de muito maior belleza do que as estrophes de *Villa Rica*.

No canto X, que é o ultimo do poema, Claudio escreveu:

“Emfim serás cantada, Villa Rica,
Teu nome impresso nas montanhas
[fica.
Terás a gloria de ter dado o berço,
A quem te faz gyrrar pelo Universo.”

E no final do prologo disse o poeta:

“Estimarei ver elogiada por melhor penna uma Terra que constitue hoje a mais importante capitania dos dominios de Portugal.”

O poema da fundação de Villa Rica, é, no conceito de Olavo Bilac e Guimarães Passos, epopéa de pouco valor, — opinião esta compartilhada por todos os criticos, que pude con-

sultar. Não ha de ser, portanto, por via delle, mas sim pelos proprios tastos de sua gloriosa historia, que o nome de Villa Rica se perpetuará na memoria dos brasileiros.

O juizo critico do Dr. Teixeira de Mello, lido na sessão commemorativa deste Instituto no centenário da morte do poeta (4 de Julho de 1889), é um dos melhores trabalhos que se tem escripto neste assumpto. Julga esse douto homem de letras que Claudio Manoel não fôra fadado para os altos vôos da poesia épica e que "não era para a sua compleição uebil e delicada o embocar, como o épico portuguez, a

tuba sonora e bellicosa
Que o peito accende e a côr ao gesto
[muda.

○ homem publico e o patriota

Passemos, agora a considerar Claudio Manoel da Costa como cidadão, como força no meio social em que viveu, ou como expoente das aspirações de liberdade dos seus patricios.

Dos documentos historicos que, esparsos aqui e acolá se encontram em varias fontes de consulta, verifica-se que a idéa libertadora, a aspiração de independencia da Patria não se crystalizára no espirito de Claudio desde a época de sua juventude, ou, menos, ao tempo dos primeiros annos de sua actividade profissional na Capitania.

Secretario do governo na administração do capitão-general Luiz Diogo Freire de Asdrada, na do general Luiz Diogo Lobo da Silva e na de José Luiz de Menezes Abranches Castelo Branco, era Claudio altamente considerado pelos governadores e por elles frequentemente ouvido como uma especie de consultor nos assumptos mais importantes do governo.

Parece que, depois de ter servido como secretario até o governo do

dito capitão-general D. José Luiz de Menezes, conde de Valladares, que se empossou no cargo a 16 de Junho de 1756, — Claudio se dedicou exclusivamente a sua profissão de advogado durante varios annos, até o governo de Luiz da Cunha Menezes, com quem serviu de novo como secretario.

Do general Luiz Diogo Lobo da Silva, disse o proprio Claudio no "Fundamento Historico" que preceae ao poema "Villa Rica", que elle "encheu de merecimentos os dias de seu governo."

Do capitão-general Gomes Freire de Andrade, conde Bobadella, basta ler o que disse Claudio na carta dedicatoria em que offereceu ao irmão do mesmo governador o seu poema acima referido.

"Ha muito, que ansiosamente solicito dar ao mundo um testemunho de agradecimento aos beneficios, que tenho recebido da excellentissima Casa de Bobadella.

.....
Quem ignora por quasi trinta annos descansaram com felicidade nas mãos dos excellentissimos Freires as Minas de Ouro do nosso Portugal?"

Esse governador — José Antonio Freire de Andrada — substituiu interinamente a seu irmão Gomes Freire durante o tempo em que este esteve no Uruguay com a real commissão do tratado de limites.

O elogio de Claudio Manoel aos governadores, que antecederam aos de sua época, não exclue o proprio D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, que, governando as capitánias ainda reunidas de São Paulo e Minas, passou para estas em Setembro de 1717 e afogou em sangue a revolta de Felipe dos Santos. Com effeito, referindo-se ao dito Conde de Assumar, em seu citado Fundamento Historico, escreveu Claudio Manoel:

"Foi o seu governo bastantemente critico por encontrar "a opposi-

ção dos povos na criação das casas da fundição. Subjugou heroicamente alguns levantados, e sublevações, principalmente os de Pitanguy, fulminados por Domingos Rodrigues do Prado, e o de Villa Rica, que foi ter a Marianna em 28 de Julho de 1720: aqui se lhe fez preciso prender a uns, e castigar a outros com a ultima pena."

Estes procedimentos lhe adquiriram o nome de tyranno nas Minas; mas á sua constancia e resolução de ve Portugal a inteira sujeição da capitania; o exemplar castigo acabou de aterrar os animos de um povo tantas vezes rebelde e segou de uma vez a real autoridade."

A dedicatoria cortezã da ecloga III a Sebastião José de Carvalho e Mello então conde de Oeiras: a Ode no attentado contra este, já então elevado a marquez de Pombal; os sonetos que lhe dedicou: a Falla ao governador Dom Antonio de Noronha, quando se recolheu da Conquista do Caieté; a Ode no anniversario de um filho de D. Rodrigo José de Menezes, são documentos que attestam a inexistencia até então de qualquer preocupação nacionalista no espirito de Claudio Manoel da Costa.

No canto heroico a D. Antonio de Noronha, na occasião em que os movimentos da guerra do sul o obrigaram a marchar para o Rio de Janeiro com as tropas de Minas Geraes — o poeta excedeu-se

.....
"Antonio, o grande Antonio é quem
[segura
Das Patrias Minas o feliz districto,
Por elle a mão da próvida Ventura
Tem o nosso prazer em bronze escri-
[pto.
.....

Correi de leite e mel, ó Patrios Rios,
E abri dos seios o metal guardado:
Os borbotões de prata, e de oiro os
[fios
Saião do Luso a enriquecer o Estado.

.....
Quem por teu beneficio, quem gemia
Ao peso da oppressão, quem melho-
[rado
Não via o seu destino, soccorrido
Da tua protecção, de ti ouvido?
.....

A justiça, a razão, a segurança,
De todo o nosso bem, qual nobre in-
[dulto
Em ti não encontrou? por ti vivia
Da virtude o esplendor por ti luzia."

D. Antonio de Noronha governou a Capitania de Minas de 29 de Maio de 1775 a 20 de Fevereiro de 1780, em que foi substituido por D. Rodrigo José de Menezes, o qual passou o governo em 10 de Outubro de 1783 a Luiz da Cunha Menezes, que, finalmente, o transferiu ao visconde de Barbacena em 11 de Julho de 1788, ou menos de um anno, antes da morte de Claudio Manoel.

Foi sómente no curto governo de Luiz da Cunha Menezes, em Minas Geraes, que se começou a formar a Inconfidencia.

O conselheiro José de Rezende Costa, um dos poucos inconfidentes que regressaram do horrendo degredo nos inhospitos arcaes da Africa, traduzindo e annotando a pagina do historiador Southey acerca desse drama da nossa historia, escreveu em 1839: "Tiradentes começou a manifestar seus principios no governo de Luiz da Cunha Menezes em Minas Geraes, que lhe sendo denunciados, os desprezou, como se declara no Accordam da Alçada e prosequio com vigor no anno de 1788, principio do governo do Visconde de Barbacena, no qual se combinaram o dito Tiradentes e o Dr. José Alvares Maciel."

As causas, como se sabe e já o dissemos a principio, eram multiplas e profundas, vinham de longa data e

se prendiam ao systema ignominioso e oppressivo da colonização no Brasil.

Até 1776 não houve instrucção publica em Minas, porque o proprio governo entendia ser indispensavel manter o povo na ignorancia, para melhor conserval-o na escravidão.

Não existia agricultura, nem vias de communicacão, sendo prohibido, sob penas severissimas, abrir estradas.

O governo rasgára, no proprio traço dos *bandeirantes*, a estrada que ligava Rio de Janeiro a S. Paulo á Villa Rica e aos districtos auriferos e diamantiferos do norte da Capitania de Minas, e uma outra estrada que ligava Villa Rica ás ricas minas de Paracatu e Goyaz. Nos pontos extremos, quartéis de *dragões*, incumbidos de reprimir o contrabando do ouro, sendo os moradores brigados a aposentá-lo e attender-lhes as requisições, quando em cavalgatas atrevidas percorriam as regiões servidas pelas duas estradas referidas, que eram as unicas existentes na Capitania.

A justiça d'El-Rei era somente para fazer as prisões arbitrarías, auxiliada por uma policia cuja funcção mais frequente era a de publicar os celebres *bandos* para aterrorizar as populações, ameaçando-as com os despejos violentos, o fechamento compulsorio das poucas casas de commercio, as buscas sem motivo e o degredo tyrannico de innocentes chefes de familia, cujas esposas e filhas ficavam, inermes victimas, entregues á luxuria bocal da soldadesca desenfreiada.

O recrutamento feroz arrancou seis mil jovens patricios, só em 1775 de uma população inferior a 180 mil almas, para as guerras continuas no Rio da Prata.

E os males iam sempre crescendo, ao passo que a exhaustão das Minas provocava uma terrivel crise de miseria do povo, deante da qual não

abrandava o appetite violento do fisco portuguez.

Voltaram-se as energias do rebanho trabalhador para outros meios de producção economica e fundaram-se numerosas fabricas de tecidos em varios pontos da Capitania. Mas, o alvará regio de 5 de Janeiro de 1785, ordenou sob as mais graves penas o fechamento e destruição daquella incipiente industria.

Por fim, a *derrama*, a ameaça de cobrança, pelo confisco dos bens dos infelizes devedores, das importancias dos *quintos* em atrazo, no valor de seiscentas arrobas de ouro.

Era o aniquilamento total da vida na Capitania, era a miseria definitiva dos que trabalhavam, era a ruina, a escravidão, o opprobrio do povo.

Dahi o movimento dos que, pelas draconianas leis do tempo, se chamaram *inconfidentes*, accusados do crime de *lesa-majestade* de terem faltado á fé para com o principe; mas, nas paginas da nossa historia, figuram como primeiros martyres, precursores da independencia nacional.

Qual o papel de Claudio nos primeiros factos da conjuração, cujas cabeças eram Tiradentes e José Alvares Maciel?

Sabe-se que tomou parte em reuniões secretas em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, commandante do regimento de dragões, de que era alferes o Tiradentes, e que participou tambem de discussão para a escolha da bandeira e armas da nova Republica.

Tiradentes suggeriu para o escudo um triangulo, symbolizando as tres pessoas da Santissima Trindade; Claudio alvitrou a adopção das armas norte-americanas — o genio da America rompendo cadeias — e a legenda — *Libertas quo spiritus*: Alvarenga Peixoto julgou pobre de idéa esta legenda, que o proprio Claudio substituiu então por outra — *Aut li-*

bertas, aut nihil —, que tanta afinidade tem com a phrase do Ypiranga. *Independencia ou Morte*. Mas, finalmente, foi acceita e adoptada a proposta de Alvarenga Peixoto, que está hoje nas armas do Estado de Minas Geraes: *Libertas quae sera tamen* — phrase tomada a um verso de Virgilio.

Dos proprios depoimentos dos conjurados, nos autos da *devassa*, consta que Claudio compareceu tambem a reuniões em casa do seu intimo amigo — Dr. Thomaz Antonio Gonzaga — que exercera até então o cargo de ouvidor em Villa Rica e acabava de ser despachado desembargador para a Relação de Goyaz.

Em sua propria casa, Claudio confabulou com varios conjurados e, ao que parece, estava incumbido de organizar o systema legal da Republica a fundar-se.

E' tudo quanto se sabe do papel de Claudio na conspiração. O que se conhece, porém, do seu genio, através dos escriptos que nos legou, basta para que possamos julgal-o como politico e como revolucionario.

Natureza romantica, temperamento pacato, alma idealista, caracter melancolico, a sua participacão no movimento projectado nunca seria pela accção directa, mas sim unicamente pelo espirito, pela palavra, pelos sentimentos e pela fé na victoria pacifica dos principios.

Conhecedor, como antigo secretario do governo, do profundo desgosto e sentimento de revolta, que reinavam na Capitania, assim como da exigencia cada dia mais premente do regio fisco para a arrecadação dos impostos, Claudio Manoel deixou pela segunda vez o seu cargo logo depois que Luiz da Cunha e Menezes passou o governo ao Visconde de Barbacena, em 1788, ou no anno anterior á sua morte, occorrida em pleno desdobrar do drama da Inconfidencia.

Desse tempo é que devem partir as suas preocupações de ordem po-

litica e as suas aspirações de independencia da Patria, ou, ao menos, deve datar dessa época a concretização de taes idéas em seu espirito, sob a fórma de um programma de accção. Sonho de poetas, animado pela ardente fé de Tiradentes, esse programma foi discutido em palestras literarias, ora em casa de Claudio, ora na de Gonzaga, ora na do tenente-coronel de dragões Francisco de Paula Freire de Andrade, que o entusiasmo juvenil de José Alvares Maciel, cunhado deste ultimo, e a varonil energia do Alferes Silva Xavier tinham conseguido arrastar para a conjuração. As bases do levante, a declaracão de liberdade de commercio dos diamantes, a fundação de uma universidade, foram questões discutidas e examinadas, consubstanciando-se, com outras medidas, em um programma organico de accção, que ficou sendo em verdade a primeira manifestação systematizada do pensamento autonomista no Brasil.

Claudio Manoel, no entanto, não foi dos mais exaltados adeptos do premeditado levante, por não ter confiança no meio social do tempo, ainda não preparado, a seu juizo, para empresa de tal monta. Elle mesmo o declarou a seu cliente Basilio de Brito Malheiro do Lago, que foi um dos infames delatores do movimento e o procurára, como espião do Visconde de Barbacena, para, á falsa fé, colher delle elementos de informacão. "Haviam sido bem succedidos os americanos", dizia elle, "porque tinham encontrado homens capazes para a revolução, no entanto que nas Minas não se depararia um. O unico que andava feito um catavento era o Tiradentes, mas que ainda lhe haviam de cortar a cabeça."

Preso na madrugada de 25 de Junho de 1789, Claudio Manoel foi recolhido a um dos carcerees mandados construir ás pressas na *Casa do Real contracto*, ou *Casa dos Contos*, pelo Visconde de Barbacena, para a de-

tenção dos numerosos *inconfidentes*, que chegavam algemados a Villa Rica.

Esse carcere, ou *segredo*, até hoje existe, no pateo de entrada da referida casa, que ainda é próprio nacional e que, nos primeiros annos da Republica, serviu para Delegacia do Thesouro Federal, Administração dos Correios e cartorio do escrivão do Juizo Seccional. Ahi entrei muitas vezes, quando, começando a minha vida publica, exerci o cargo de Procurador da Republica no Estado de Minas Geraes, e ainda tenho nos olhos, neste momento, a casa, de bella e airosa linha colonial, a ponte que lhe está proxima, e o quadro daquelle original e severo canto da gloriosa Villa Rica.

Foi ahi que se realizou, a 2 de Julho de 1789, o interrogatorio do poeta pelo ouvidor Pedro José Araujo de Saldanha, acompanhado do escrivão, bacharel José Caetano Cesar Manite.

Que se teria passado nesse acto, de que não tenha ficado constancia no corpo do documento?

A tradição popular, transmittida de geração em geração, mantém a crença de que o poeta foi sacrificado pela tyrannia. Um dos seus biographos, o erudito ex-presidente deste Instituto, Joaquim Norberto de Souza e Silva — apresenta-nos Claudio Manoel da Costa enfermo, decadente, transido de pavor deante da autoridade, negando a pés juntos qualquer participação no movimento e envolvendo nelle varios amigos, entre os quaes o seu dilecto collega e confrade, Dr. Thomaz Antonio Gonzaga.

Não obstante a opinião dos que consideram Claudio como suicida, aquella tradição se conserva, como o attestaram os redactores do *Almanack da Provincia de Minas Geraes*, edição de 1864, que declararam que, nesse anno, ainda viviam em Ouro Preto muitas pessoas, que affirma-

vam ter sido o poeta assassinado, por terem ouvido isto a coavos deste.

O depoimento de Claudio Manoel é, em verdade, infeliz. Hesitante, frouxo, negativo, preocupado com a sua propria salvação, terminando com um protesto de fidelidade ao governador, a quem pede perdão, o poeta comprometteu ahi indirectamente outros accusados da justiça regia, cujos nomes declinou: padre Carlos Corrêa de Toledo, vigario de S. José, Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu Vieira, padre José da Silva de Oliveira Rolim, tenente-ocoronel Francisco de Paula Freire de Andrade e seu cunhado Dr. José Alvares Maciel, e, finalmente, entre todos, o valoroso alferes Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes.

Mas, a authenticidade absoluta desse documento não pode ser garantida, tanto porque o depoente, morto dois dias depois, não poderia mais contestal-o, rectifical-o, confirmal-o, nem ser posto em acareação com outros, quanto, principalmente, porque consta da propria sentença da Alçada que tal auto de perguntas a Claudio é juridicamente defeituoso e, portanto, de pouco valor. Na sentença, com effeito, na parte referente a Gonzaga, lê-se o seguinte: "Mostra-se pelo Appenso n. 4 da devassa de Minas, das perguntas feitas ao réo Claudio Manoel da Costa, *ainda que nesta houvesse o defeito de se lhe não dar o juramento pelo que respeita a terceiro*, etc."

Muitos outros accusados na devassa rectificaram os respectivos primeiros autos de perguntas, foram acareados entre si para esclarecimento de contradicções e divergenças; mas, a Claudio Manoel, por cumulo de sua desventura, nem esses recursos ficaram, para que, confundindo os seus algozes, pudesse comparecer depois com elles perante o tribunal da posteridade.

Esse interrogatorio foi feito sem presença de testemunhas e em segredo de justiça. Ao auto só estiveram presentes o desembargador interrogante, o escrivão e a victima; era a justiça oppressora da época deante da victima tyrannizada e inerme; era o symbolo da autoridade brutal, violenta e arbitraria da Metropole, em face da colonia explorada, desprezada, perseguida e posta a ferros.

E' certo que Claudio não era considerado como dos principaes chefes da conspiração, não tinha o ardor exaltado de Tiradentes, o entusiasmo juvenil de José Alvares Maciel, a força e recursos pecuniaros de Alvarenga Peixoto, o prestigio na tropa de Francisco de Paula Freire de Andrade, nem mesmo a capacidade organizadora de Thomaz Gonzaga; mas, era apenas, como disse Charles Ribeyrolles em seu "*Le Brésil Pittoresque*", um desses artistas delicados, pensadores ativos, mas ternos, que não amam o ruido e a fama, que temem a gloria selvagem dos cadafalsos e que tudo sacrificam para morrer longe das multidões."

Dir-se-á, pois, que não havia interesse para o governo do Visconde de Barbacena em fazer desaparecer, ao abrir-se a devassa, esse conjurado, pois não era de recear-se que, em declarações posteriores, pudesse elle comprometter o proprio governo da Capitania.

Temos de confessar que as apparencias autorizam taes conclusões: Mas, o certo é que a tradição do assassinato do poeta conservou-se na sequencia dos tempos, talvez porque o povo, que tem visto tantos crimes, seja levado sempre a concluir, quando ha mysterio, pela existencia do crime, — como o disse acerca deste caso o citado Ribeyrolles.

Essa tradição se avigorou fortemente depois da discussão historica iniciada com um documento da mais alta importancia, que só veio a lume em 1876. Refiro-me á carta, publi-

cada em o numero 76 de 21 de Dezembro do dito anno, do jornal "A Gazeta de Campos", pelo Dr. Miguel Antonio Heredia de Sá.

O Dr. Heredia de Sá, filho de D. Maria do Carmo Moreira de Sá e neto, pela linha materna, do velho fidalgo portuguez Francisco Joaquim Moreira de Sá, morgado de Sá, contou que ouvira á sua mãe o seguinte:

"Que tendo emigrado para o Brasil, em companhia de D. João VI, o referido fidalgo veio estabelecer-se em Minas, em Santo Antonio do Rio Abaixo, onde montou uma grande fazenda, em cujo solar se constituiu um centro de reunião da melhor sociedade do tempo, graças ao prestigio de que gosava no Paço o referido morgado de Sá e á generosa acolhida por elle feita aos seus hospedes;

Que, entre os que mais frequentavam sua casa, estava um cirurgião, conhecido pela alcunha de "Paracatu", que geralmente passava por brasileiro nato, mas era portuguez de nascimento.

Que esse cirurgião foi um dos incumbidos pelo governo de proceder ao auto de corpo de delicto no cadaver de Claudio Manoel da Costa — e que elle o fez conscienciosamente, declarando que o poeta não se suicidara, mas sim fôra assassinado;

Que, no dia seguinte, o dito cirurgião fôra procurado por um dos ajudantes de ordens do General Governador, "o qual lhe disse que fizesse novo corpo de delicto, pois aquelle outro havia sido inutilizado por uma creança que lhe derramára em cima um tinteiro, e *aconselhou-o a que o fizesse por outro theor*. O cirurgião "Paracatu" seguiu o salutar conselho; fez novo corpo de delicto declarando que Claudio Manoel se tinha suicidado."

Essa narrativa foi feita confidencialmente pelo proprio cirurgião ao seu amigo morgado de Sá, em presença daquella sua filha e do Dr. Antonio Secioso Moreira de Sá, so-

brinho desta senhora e criado em sua casa.

O importante documento citado foi, mais tarde, apreciado pelo douto ex-secretario deste Instituto — Dr. José Alexandre Teixeira de Mello — em minucioso estudo publicado no 2º volume dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*.

O Dr. Teixeira de Mello era natural de Campos, onde residia a veneranda matrona, D. Maria do Carmo Moreira de Sá, e, tendo-a conhecido pessoalmente, declarou que ella foi sempre distinguida com a maior veneração pelos campistas que elle, desde creança, sempre a respeitara por suas virtudes e não vulgar cultura de espirito.

Accrescentou o Dr. Teixeira de Mello que, tendo appellado para as reminiscencias do probo e illustrado Dr. Secioso, que ainda vivia em 1876, este confirmou a asserção do Dr. Heredia de Sá e accrescentou que mesmo lhe parecia tanto quanto se podia recordar, pois era nessa época muito creança, ter ouvido de sua respeitavel tia que o poeta do Ribeirão do Carmo morrera envenenado, o que está de accordo com as suspeitas do Visconde de Porto Seguro, com a asseveração do conego Januario da Cunha Barbosa e com a versão admittida por Ferdinand Denis.

Com argumentos de alta valia, o Dr. Teixeira de Mello concluiu afirmando que Claudio não se suicidou, mas foi assassinado: — que o seu depoimento foi arrancado com violencia, ou, talvez, forjado para, em seu respeitado e prestigioso nome, poderem os inquisitores encontrar maior culpa nos outros infelizes companheiros do poeta. Os antecedentes da vida de Claudio, toda inspirada em sentimentos da mais alta dignidade e nos mais nobres attributos de character, protestam contra a versão, que lhe attribue a responsabilidade das pusillanimes declarações postas sob sua assignatura

no famoso processo da *devassa* de Minas. E deve ser assignalado que o desembargador Coelho Torres, nas suas informações ao Vice-Rei, considerou defeituoso esse depoimento e o auto de corpo de delicto, por feitos ambos com preterição de formalidades essenciaes.

Não é de admirar-se que taes suspeitas não tivessem vindo a publico nos tempos que se seguiram ao drama historico da Inconfidencia, pois que, nessa época de oppressão e tyrannia, a ordem do despotismo era para impôr silencio absoluto em torno dos nomes implicados no movimento — alguns já fallecidos e a maior parte cumprindo no degredo da Africa as terriveis penas a que tinham sido condemnados.

Refere-se o autor das "*Ephemerides Mineiras*", que, "ainda, em 1807, em extensa monographia escripta em Villa Rica acerca da Capitania Mineira, era elle (Claudio Manoel) propositalmente excluido de qualquer menção no capitulo alli consagrado a recordar as pessoas celebres nascidas em Minas Geraes, quando é certo que o autor não se esqueceu de referir numerosos mineiros de valor somenos.

Era perigoso relembrar as glorias literarias de Glauceste Saturnio porque o poeta se encarnava no patriota e o patriota so inconfidente condemnado."

Publicada em 1876 a carta do Dr. Heredia de Sá, e dado á luz o estudo do Dr. Teixeira de Mello, que se baseou naquelle documento, veio a campo o eminente historiador — Dr. Mello Moraes — que em artigos estampados no *O Globo* de 7 e 13 de Março do dito anno e apoiado no auto de corpo de delicto de 4 de Julho de 1789, combateu a opinião do mesmo Dr. Teixeira de Mello, mas trouxe, ao mesmo passo, uma nova e valiosa prova do assassinio do poeta. Essa prova decorre da asserção, feita pelo proprio Dr. Mello Moraes, de

que o Dr. Americo de Urzeda, homem fidedigno e respeitavel, nascido em Villa Rica, e já adolescente em 1789, lhe communicára ter ouvido dizer que Claudio Manoel fôra assassinado.

Proseguindo a discussão historica, provocada pela mencionada carta do Dr. Heredia de Sá, interveiu no debate, sob o pseudonymo de *um Mineiro*, o Dr. Christiano Ottoni, illustre brasileiro, que foi, no Imperio e na Republica, senador pelo Estado de Minas Geraes.

Baseando-se na tradição recebida de Jorge Benedicto Ottoni, que, por sua vez, a haurira do padre Manoel Rodrigues da Costa e de outros implicados e contemporaneos da Inconfidencia, refere o conselheiro Christiano Ottoni que "Francisco de Andrade, cidadão muito considerado em Ouro Preto, onde morreu em idade avançada, militava no regimento de cavallaria de Minas, que tinha sua parada em Villa Rica, e fazia parte da guarda da prisão no dia 3 de Julho de 1789, que precedeu á morte do preso Claudio Manoel da Costa. Nesse regimento, cuja disciplina e moralidade deixaram em Minas a mais honrosa memoria, assentavam praça os filhos das principaes familias da provincia.

No dia 3 de Julho de 1789, a guarda fornecida por aquelle destacamento modelo — dizia Francisco Ribeiro de Andrade que della fazia parte — fôra mandada retirar-se ás 6 horas da tarde sem que soubesse ou allegasse motivo algum: ficou a prisão entregue a soldados de policia. O mesmo Francisco Ribeiro de Andrade accrescentava que elle e seus camaradas tinham ficado na crença de que a mudança da guarda fôra preparativo para a execução nocturna.

Existe nesta côrte "termina o conselheiro Christiano Ottonio, "um neto do antigo soldado, pessoa a todos os respeitos estimavel, que ouviu de seu avô o que acabo de narrar. A

esta voz do povo, constante, corroborada pelo facto da mudança da guarda, facto abonado pela grande confiança que me merece o actual depositario da tradição — homem honestissimo, incapaz de alterar a verdade para qualquer fim — o que se oppõe? O auto de corpo de delicto defeituoso e suspeito?"

Deante dos novos elementos de credibilidade, senão prova conclusiva do assassinato, deante dos mais recentes documentos a que acabo de referir-me, deve-se considerar inteiramente destruido o argumento, que até então servia de prova para a versão do suicidio. Não se pode mais dizer, como na argumentação anterior ao apparecimento desses novos documentos, que não é licito invocar-se a tradição, quando existe como prova a historia escripta.

No caso de que tratamos, o que foi escripto em apoio da hypothese de suicidio vem exclusivamente de um só documento: o auto de corpo de delicto. Mas, si para infirmal-o não bastassem as provas, que surgiram no debate de 1876, a clamorosa absurdidade do seu contexto o repelleria em analyse guiada por um rigoroso senso juridico e pelo proprio direito judiciario da época em que se lavrou tal documento.

Delle consta, com effeito, que o cadaver foi encontrado de pé, encostado a uma prateleira, com o braço direito erguido e empurrando para cima uma taboa da mesma prateleira, na qual se achava passada em torno uma liga de cadarço vermelho, uma laçada na outra ponta, que prendia em seu corrediço o pescoço do cadaver.

Quem ousaria, em nossos dias, subscrever esse auto de corpo de delicto? Tem ou não razão os que affirmam que tão vergonhoso documento "foi imposto ao terror de quem o assignou pelos executores da alta justiça d'El-Rei."

A confusão encontrada na parte

superior do larynge e que, no dizer do auto de corpo de delicto "mostrava ser feito com o laço quando correu", era o signal do estrangulamento da victima, praticado por mão homicida no silencio do *segredo*.

A sciencia prova o movimento da morte nos casos de asphyxia e que tanto se pode morrer por esse meio em 15 a 20 quanto em 1 a 2 minutos.

Sabe-se tambem que os enforcamentos por suspensão incompleta se podem dar pelos meios os mais extraordinarios, havendo casos em que o laço foi amarrado a um bico de gaz, a uma maçaneta de fechadura, a um braço de cadeira, a um encosto de cama, a um fecho de janella, como no caso historico do principe de Condé, que, a 29 de Agosto de 1830, em pleno reinado de Luiz Philippe, foi encontrado morto em seu castello de Saint-Leu, enforcado com dois lenços de seda atados um ao outro e amarrados ao punho da cremona de uma janella.

Suicidio ou homicidio?

Não basta o exame exterior do cadaver, mas a autopsia se faz necessaria a descoberta da verdade.

No caso de Claudio Manoel da Costa, não houve sinão uma grosseira descripção da forma em que o corpo fôra encontrado. Mas, ahi mesmo ficou indelevel a prova do homicidio, para a perpetua execução dos seus sinistros auctores.

Com effeito, todas as observações attestadas por mestres do valor de Tardieu e Brouardel, provam que, salvo casos rarissimos, os braços dos enforcados ficam estendidos, para baixo, collocados ao corpo, pelo proprio effeito da gravidade.

Os auctores de medicina legal, passados em revista, só indicam, como excepção á tal regra, o caso de um enforcado, que foi encontrado com a mão direita presa ao proprio laço do pescoço e os dados, em contracção, operada talvez no momento em que, impellido pelo instincto de

em que, impellido pelo instinco de conservação e de defesa, tentasse afrouxal-o.

Ora, contra todos esses principios verificados pela observação e experiencia scientificas, os peritos descrevem o estado do cadaver de Claudio, como estando de pé e tendo o braço direito erguido, sem apoio em qualquer objecto, mas, ao contrario, forcejando de baixo para cima a taboa da prateleira, como se o infeliz poeta houvesse querido apertar por esse modo o laço corredo, que lhe circumdava o pescoço, quando era mais natural que o fizesse pelo proprio peso do corpo.

A morte, ao invés de lhe ter relaxado os musculos no momento supremo, ao invés de lhe ter provocado a queda dos braços, por effeito do peso destes e da lei da gravidade, deixou-lhe suspenso o direito, como si nessa attitude ficasse em perpetuo protesto contra os inimigos da grande causa de que elle era nesse momento o primeiro martyr e o nobre synbolo.

O movimento para a victoria dessa causa era talvez, precoce no Brasil, nesse grande anno historico, em que, entre terriveis convulsões sociaes, desabava na Europa o antigo regimen e nascia a nova consciencia humana ao influxo da trilogia sagrada da liberdade, egualdade e fraternidade.

Mas, esse sonho de poetas, esse ardor ingenuo de patriota exerceu grande influencia no sentido da marcha da idéa libertadora, porque a forma social e politica em que um novo pode entrar e permanecer não depende, como o disse Taine, de seu arbitrio, mas sim é determinada por seu character e por seu passado.

A inconfidencia é o episodio romantico da independencia.

Foi ella que forneceu as primeiras victimas dessa grande causa nacional, concorrendo assim para o futuro triumpho, porque as grande

idéas, para que vençam, precisam de seus martyres.

Claudio Manoel da Costa foi um destes.

O seu cadaver, encontrado de pé, com a cabeça erecta e a dextra le-

vantada, foi tido pelas gerações que viveram entre 1789 e 1822, como o de um conductor, que estivesse dividando nas brunas do futuro os primeiros e ainda pallidos clarões do sol de Sete de Setembro.

INDICADOR COLLEGIAL

Instituto La-Fayette

Ensino primario, secundario, profissional e jardim de infancia.

DEPARTAMENTO MASCULINO

Rua Haddock Lobo, 253

DEPARTAMENTO FEMININO

Rua Conde de Bomfim, 185

EXTERNATO MIXTO

Praia de Botafogo, 348

Collegio Sta. Catharina

Rua Viscon de deSta Cruz, 76
(E. Novo)

Cursos: primario, complementar, admissão aos collegios Pedro II, Militar e Escola Normal

Ensino de Francez, Inglez e Desenho

Directora: *Antonia C. Nery Costa*

(Professora cathedratica diplomada pela Escola Normal da Capital Federal.)

Academia Fluminense de Comércio

Fiscalizada pelo Governo Federal e subvencionada pelo Governo Fluminense

Confere os diplomas de CONTADOR e de GRADUADO EM SCIENCIAS ECONOMICAS

CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS PARA AMBOS OS SEXOS

RUA MAURITY, 65 - Teled 20

- Est. do Rio - Nietheroy -

Escola Remington

Rua 7 de Setembro, 67
Tel. Norte 6138

Dactylographia, tachygraphia, linguas vivas, arithmetica commercial e escripturação mercantil.

Cursos diurnos e nocturnos para ambos os sexos

Copias á machina e ao multigraph

Sigillo, presteza e perfeição.

Traduções

ALCOOLISMO

(Conferencia proferida pelo Dr. Francisco Prisco no Curso de Medicina Preventiva e Hygiene Social)

Senhoras Professoras. — E' velho o assumpto desta conferencia. Velho e de todos conhecido; explorado e reexplorado; sabido e resabido em todas as suas minucias, porque já ventilado a todas as luzes por cientistas de todos os paizes. Mas, a todos familiar embora, nem assim perdeu o alcoolismo a preeminencia entre as questões sociaes, dessas que desafiam os tempos e escarnecem de todos os combates.

Em Roma, celebravam-se festas denominadas *liberaes*, em homenagem a *Liber*, Baccho, deus do vinho. Era o meio de que se servia o paganismo para dar pábulo á selvageria dos instinctos.

Em Athenas, chamavam-se *dyonisiacas*, de *Dyonisio*, que é tambem Baccho, as orgias a elle consagradas. Remonta, portanto, o alcoolismo a tempos bem afastados.

Entre nós, já os selvagens, que, segundo Capistrano de Abreu, conheciam mais de 30 substâncias com que se embriagavam, faziam uso do *kaom* como bebida predilecta. O *caxiry*, obtido pela maceração da raiz de mandioca, era tambem por elles muito apreciado.

Não se diga, porém, que todos os selvagens se entregam ao vicio da embriaguez. Os Nhambiquaras, por exemplo, que habitam o valle do rio Burity, os selvícolas de Trombetas e Nhamundá não usam substancias alcoolicas. Outrotanto não se poderá dizer dos *Aritis*, de Matto Grosso, que usam e abusam do *olonoti*.

No interior de nossa patria, nas proprias capitaes e até na metropole do paiz, distende o alcoolismo as suas garras e depaupera, e envilece, e abastarda e inutiliza o homem para a lucta, que é o em que cada vez mais se resume a vida.

Tiveram os medicos grande culpa na propagação do alcoolismo. Açodados como

sempre em busca da verdade, cujo encaço é o nosso tormento de todos os instantes, nós, medicos, de certo que tambem pagamos tributo ás fraquezas que inherem á contingencia humana. Deixamo-nos influir pelas apparencias e somos muitas vezes arrastados pela correnteza illusoria das primeiras impressões...

Houve alguns medicos que preconizaram o alcool como preventivo de certas doenças. Quando, em 1519, sob o reinado de Francisco I, morreu a Sra. de la Vernade, esposa de um dos dos procuradores do soberano, não perderam os medicos o ensejo, que se lhes deparava, de esclarecer a causa da morte, porque a nós nem os defuntos nos escapam...

Creio que foi o meu querido mestre e amigo Prof. Afranio Peixoto, de quem todas saudosas vos lembrais, quem disse ser para nós um consolo podermos informar ao menos de que é que morreram os nossos doentes.

Já soffriam os collegas da antiguidade desse mesmo sestro. Fizeram a autópse da Sra. de La Vernade e lhe encontraram um verme encystado no coração. Começaram então a aprofundar os estudos e a fazer experiencias, de modo que, de futuro, se vissem todos os doentes livres de hospede assim importuno. Pegaram do verme e o trataram com mithridato: elle resistiu. Deram-lhe outras drogas e todas foram innocuas. Lembrou-se alguém de lhe dar pão com vinho. Deram e o *bicho* morreu.

Reuniram-se os sabios, discutiram e assentaram a conveniencia que haveria em que toda a gente tomasse pela manhã, em jejum, um calice de vinho ou de qualquer outra bebida alcoolica, para *matar o bicho*, expressão que ficou e faz parte hoje

do jargão de nossa terra. E' o mesmo *tuer le ver* dos franceses.

Sirva ao menos esta reminiscencia, senhoras professoras, de lembrar que nem sempre, senão com algumas cautellas e outras tantas restricções, devemos seguir o que mandam os medicos... Entremos agora propriamente no objecto do nosso estado. Não vos assusteis, que prometto ser breve.

Alcoolismo é a intoxicação chronica produzida pelo abuso de substancias alcoolicas.

Ha diversas especies de alcooes: alcool amylico; alcool butylico; alcool propylico; alcool ethylico. E' este ultimo o que particularmente nos interessa. E' aqui obtido por intermedio da canna de assucar.

Ingerido o alcool sob qualquer de suas fórmulas — aguardente, cerveja, vinho, champanha, licores, etc. —, de qualquer modo, a sua acção é sempre prejudicial ao organismo. Ataca todos os órgãos, todas as cellulas, todos os tecidos. O maioral da nossa classe, o Prof. Miguel Couto, disse que « não ha órgão que o alcoolismo poupe; não ha cellula que lhe resista, tudo queima por onde passa, a começar pelos labios, que se tornam beiçanas, luzidios, belfos, arredondados; todos os tecidos vai alterando indistinctamente, indifferentemente, e produzindo myocardites, nephrites, hepatites; mas si um aparelho da economia se tivesse de designar como o preferido pelas devastações desse toxico — seria o *systema nervoso* ». Começemos, portanto, pela pathologia nervosa.

Terei o cuidado de vos não fatigar com os nomes arrevezados e difficeis com que costumamos designar as cousas mais simples deste mundo...

Ficai certas, senhoras professoras, de que me não esquecerei de que falo a um auditorio de doutos e não de doutores... Confiai em que tudo farei pelo melhor... Não vos fatigarei com o mecanismo da acção do alcool sobre o *systema nervoso*. Sabei tão só que elle actúa a principio como estimulante, mas depois como deprimente.

Dentre as doenças nervosas pelas quaes é ou *póde* o alcoolismo ser respon-

sabilizado, convém lembrar as *nevrites*, as *polyneurites alcoolicas*, que se denunciam a principio por manifestações dolorosas e depois pela *paralysis* dos membros inferiores, com atrophia dos musculos da região lesada, abolição dos reflexos etc.; os *tremores*, que pela tarde mais se accentuam e que não raro se assestam na lingua, nos labios e nas faces, a *pachymeningite hemorrhagica*; a *polio-encephalite aguda*; casos de *delirio*, de *delirium tremens*, que é, por vezes, acompanhado de *ataques de forma epileptica*; *neurasthenias* e *hysterias toxicas*.

A *epilepsia* apparece de preferencia entre os bebedores de absynthio, de vermouth, de bitter, em cuja composição entram as chamadas substancias epileptizantes: aldehydo salicylico e salicylato de methylio.

Ha autores que negam possa o alcoolismo ser causa da epilepsia, mas apenas o aceitam como factor predisponente. O que não padecer duvida é que dois terços dos epilepticos são filhos de alcoolcos. E' a lição das estatisticas.

A *dementia*, o *ictus* e a *congestão*, com todas as suas graves consequencias, são outros tantos males que muitas vezes correm por conta do alcoolismo ou são por elle coadjuvados.

Muito discutido tem sido o problema da *paralysis geral*. Só a syphilis é que a produz? Ha uns espiritos exclusivistas que assim o entendem, e essa é hoje a opinião predominante. Outros, entretanto, como Magnan e Bénon, são de parecer que a *paralysis geral* póde ser uma das terminações do alcoolismo e não só consequencia da syphilis.

Ensina Marchand que todas as intoxicações exogenas podem occasionar a *paralysis geral*, estimando que para ella concorre o alcoolismo na percentagem de..... 50 %.

A *alienação mental*, depois do elemento degenerativo, é sobretudo produzida pelo alcoolismo (Rôxo). As *allucinações*, crises de *melancolia*, *syndromes paranoideas*... teriamos assumpto para discorrer horas a fio só sobre a pathologia nervosa.

Para os lados do estomago, poderíamos lembrar as *gastrites*, os *vômitos matutinos*, as *ulceras gástricas*, as *hyperchlorhydrias*; para os lados dos intestinos, as *ulcerações*, as *enterites*, as *lienterias*...

A degeneração gordurosa do figado, que é a *esteatose*; as *congestões hepáticas*, as *cirroses*, que uns negam e outros admittem como oriundas do alcoolismo; as *colicas hepáticas*; a *inflamação catarral das vesículas biliares* e até o *diabetes pancreatico*, lembra Triboulet que pôde ser encontrado nos alcoolistas, graças á degeneração gordurosa da cellula pancreatica ou á esclerose intersticial do pancreas.

No attinente ao aparelho circulatório, o alcoolismo oblitera as arterias do coração e lesa a aorta. O alcool diminue a elasticidade das arterias, de modo que a amplitude e a fórma das pulsações se assemelham no alcoolista á fórma e á amplitude das pulsações dos velhos. Dahi a conhecida phrase de Lanceraux: o alcoolismo é uma velhice antecipada.

O alcool predispõe á *angina do peito*; produz o *atheroma*, que é a petrificação arterial; produz a *tachycardia*, a *myocardite*, a *infiltração e degeneração do coração*, pela hypertrophia do musculo e pelo accumulo de gordura que, da base, se distende depois por toda a superficie cardiaca. A *arterio-esclerose* tem sido não raro incriminada como de natureza alcoolica.

A *nephrite intersticial*, o *rim amyloide*, a *esclerose do rim*... pôde ser tudo consequencia do alcoolismo. E não só. A *acromaptosia*, que é a perda da noção das côres secundarias; a *amblyopia*; a *conjunctivite catarral* e a *propria cegueira*, podem ter como causa unica o abuso de substancias alcoolicas.

No aparelho auditivo, a acção do alcool é devéras prejudicial. Aparecem por vezes uns ruidos extranhos, que apavoram e atormentam os doentes. Quando ha compromettimento dos nervos auditivos surge a *surdez*. Os outros órgãos dos sentidos, o *paladar*, o *olfacto*, e o *tacto*, são todos perturbados em suas funcções pela acção do alcool.

Ha quem diga que a acção do alcool excita o organismo. Excita em verdade, mas apenas em alguns momentos. A essa excitação segue sempre um periodo deprimente. O alcool diminue a força muscular. O dynamometro o comprova.

No concernente á tuberculose, é essa terrivel doença produzida pelo bacillo de Kock. O papel do alcool é de preparação do terreno pela diminuição das resistencias organicas.

O alcool diminue a memoria; é um dos factores da obesidade e, veneno esteatósante, é responsavel pela *polysteatose visceral*.

O alcoolismo altera o funcionamento das glandulas de secreção interna, e todas vós sabeis, minhas senhoras, a importancia que hoje representa em Medicina o capitulo da *Endocrinologia*. O alcool produz a insufficiencia da thyreoide e altera o funcionamento das suprarenaes. Fôra superfluo citar-vos os estudos realizados por Quervain, Sarbacle, etc.

Examinemos agora o capitulo do

Alcoolismo infantil. — Comquanto felizmente entre nós não haja o alcoolismo infantil assumido grandes proporções, devemos tomar as nossas coutelas afim de obstar a que, amanhã, nos vejamos a braços com mais esse aspecto da questão.

São relativamente raros os casos de crianças que se embriagam. Eu nunca vi, em 10 annos de exercicio das funcções de inspector medico escolar, nunca vi um unico caso de embriaguez infantil.

O dr. Cunha Cruz relata, entretanto, que, em 1906, numa escola publica desta Capital, teve a professora de fazer sair da sala de aula uma pobre criança de 10 annos que, ás primeiras horas da manhã, já se apresentava embriagada. Era uma menina, orphã de alcoolicos.

Cita o nosso collendo mestre Prof. Miguel Couto um caso de sua clinica. Trata-se de uma criança de 15 annos, cuja face pallida, enrugada e secca parece a de um velho; é ajudante de pedreiro e bebe laranjinha diariamente; vomita todas as manhãs, dorme mal, tem visões e as suas mãos já tremem. Seus paes, que se em-

briagam, habituaram-no a beber desde os agraços da vida.

O illustre pediatro Dr. Moncorvo Filho conta tambem uma observação feita em sua clinica. E' uma linda menina de 5 annos, que soffria de pavores extranhos: via assassinos amarrarem-na pelo pescoco, puxarem-na de um para outro lado e tinha verdadeiras allucinações e momentos de tremendos desesperos. Era uma filha de alcoolicos, que lhe davam diariamente vinho a beber.

São ainda do Dr. Moncorvo Filho as seguintes e tristes palavras: « Aqui bem perto de nós, em certo lugar de um Estado vizinho, a menos de 40 minutos de distancia desta Capital, — é frequente, não mais causando surpresa alguma ás pessoas do lugar —, encontrar-se criancinhas de 2 a 3 annos, embriagadas pelos proprios paes, *facies* edemaciado e pallido, olhos apagados, aspecto impressionante, a vagarem pelas ruas em marcha tropega, titubeante, ou dormindo pesadamente pelos desvãos das portas ou nas moitas dos caminhos ».

São casos do chamado alcoolismo agudo, isto é, de embriaguez.

O alcoolismo chronico é, porém, o de mais graves consequencias. Elle se manifesta por vezes na criança, quando ainda no berço. E' aqui um infante gerado, quando um dos progenitores sob a acção do alcool, e é o caso celebre de Vulcano, filho de Jupiter; é alli uma criancinha que mama o leite impuro de uma creatura que usa qualquer substancia alcoolica, e é hoje fôra de duvida que o alcool, no caso concreto, é veiculado pelo leite; é acolá uma pobre criança filha de paes ignorantes, que a obrigam ao alcool para se *fortificar*!

Um velho medico, cujas cans ainda nao conseguiram arrefecer o seu entusiasmo pela profissão, o Dr. Olinto de Oliveira, quer entre nós reviver a sabia lei de Lycurgo, que prohibe severamente o vinho aos desposados no dia das bodas. Não me privo do prazer de vos contar o que suggere o distincto medico: elle quer a substituição dos brindes com substancias alcoolicas por uma saudação symbolica, em que se usasse tão sómente agua. Tal idéa,

uma vez adoptada, traria incalculaveis beneficios. Quantos pobres neurasthenicos, indaga o Dr. Olinto de Oliveira, paranoicos, degenerados, quantas hystericas ou maniacas não deverão a sua existencia torturada aos excessos de alegria das festas de bodas!

Vêde, senhoras professoras, que o assumpto se desdobra e tresdobra numa multiplicidade estonteante de aspectos. Apenas procuro tocar pela rama problema de tão alta relevancia. Em prol de vós mesmas, cuja paciencia louvo e neste instante deploro, quero tão sómente borboletear a respeito do alcoolismo.

Retirado do terreno da pathologia para o tablado mais amplo das *questões sociaes*, nem assim outorga o alcoolismo a vanguarda a outro dentre os problemas que exigem e clamam as luzes dos governos.

E' o proprio futuro da raça que o alcoolismo compromette e avilta. Sabeis que tribus inteiras têm desaparecido pela intemperança alcoolica; sabeis que ha povos, cuja estatura gradativamente diminue mercê dos excessos alcoolicos. E' necessario tomem todos os paizes as suas precauções... Aqui, como em toda parte, o alcoolismo constitue um dos *factores do crime*. As detenções regorgitam de ébrios. As estatisticas feitas entre nós pelo Dr. Franco da Rocha demonstram que, em 7.500 individuos presos por delictos e infracções policiaes, 6.000 eram alcoolicos. E não só. Diminuindo as forças do organismo, o alcool diminue a actividade, diminue o trabalho, diminue, portanto, a producção, e, o que ainda é peor, degenera a raça.

E' bem de ver que semelhante estado de cousas não pôde persistir num paiz como o nosso, que se presume civilizado. São inadiaveis providencias energicas de repressão. Não pôde o governo permanecer inerte e indifferente ante esse descalabro alcoolico, que por ahi vai e tudo abastarda, e tudo anniquilla e tudo destróe.

Em nosso Brasil a liberdade é licença, é abuso; terra em que ninguem sabe ainda até onde vai o seu direito, cujo limite é o direito alheio, não podemos, entretanto, ficar estarecidos ante a igno-

minia alcoólica, a fabricar leis que se não executam e a fazer conferencias que... simples palavras, leva-as o vento...

Não nos esqueçamos da advertencia de Roseberry: ou o Estado toma conta do commercio de bebidas alcoólicas ou o mercado de bebidas alcoólicas acaba por tomar conta do Estado.

O combate ao alcoolismo está em ebulição em quasi todos os recantos do mundo. Na Inglaterra, basta dizer que Lloyd George é o chefe da campanha anti-alcoólica; na Suecia, na Suissa, na Polonia, na Russia, em Consiantinopla, na Alemanha, na Italia, na Hungria, em Portugal, em todos estes paizes e cidades já se tomam medidas contra o vicio nefando.

Em França, onde o alcoolismo tem enorme prestigio, porque delle dependem grandes interesses industriaes, o monopolio do alcool pelo Estado é objecto costumeiro de debates parlamentares e até de programmas de partidos, que lá, como em outros paizes que nós conhecemos, servem apenas para seduzir votos, quando são precisos, e engabelar essa cousa inexistente, a que dão os demagogos o pomposo nome de opinião publica...

A figura laureada de Jean Finot é, porém, uma garantia de que, acima dos interesses politicos em jogo, hão de os homens da França collocar os interesses da propria nacionalidade, cujo futuro estigmatizou Bertillon numa phrase candente e incisiva: *Le pis est que la France mourra deshonorée. L'histoire aura le droit de dire qu'elle est morte de deux vices ignobles: le crime d'Onan et l'ivrognerie.*

No Uruguay, no Chile, na Argentina, medidas têm sido adoptadas de combate ao alcoolismo. Até no Mexico, o Presidente Portes Gil dirige a campanha benemerita. Os Estados de Tamaulipas e de Tabasco já se declararam regiões seccas e nas escolas publicas se faz obra de convencimento contra o alcool.

Nos Estados Unidos é que, como sabeis, a campanha anti-alcoólica tem sido mais tenaz, convindo lembrar dentre os seus campeões a figura benemerita de Rockefeller.

Não posso, nem de longe, vos resu-

mir aqui o que tem sido a lucta anti-alcoólica nos Estados Unidos. Livros e mais livros já se publicaram sobre o assumpto, que continúa a apaixonar os espiritos e a perturbar a vida da grande Republica. A *lei secca*, vencidos os obstaculos innumerados com que se tem procurado ludibrial-a, terá, porém, o seu dia de victoria, que não ha interesses, por maiores, que possam abafar os surtos das grandes idéas.

Entre nós, a campanha anti-alcoólica adquire dia a dia maior numero de proselytos. Nem poderíamos ficar indifferentes ante problema de tão e tal importancia. Cincinato Braga, Mello Mattos, Medeiros e Albuquerque, Domingos Jaguaribe, Teixeira Brandão, Corrêa Defreitas, Verissimo de Mello, Juvenal Lamartine, Miguel Calmon, José Carlos, são os combatentes da primeira hora, a que se juntaram depois Carlos Pennafiel, Plinio Marques, Azevedo Lima, Afranio Peixoto e poucos mais com representação politica.

Fôra do parlamento, têm-se feito ouvir Belisario Penna, Carlos Werneck, Julio Novaes, Ernani Lopes, Mauricio de Medeiros, Juliano Moreira, Henrique Roxo, Evaristo de Moraes, Severino Lessa, autor de interessantes estudos sobre o assumpto, Fernando Magalhães e ainda outros, merecendo referencia á parte a personalidade singular de Miguel Couto.

Cada nome dos que acabo de citar defende uma idéa, sustenta um principio, abraça uma convicção. Não nos faltam, de conseguinte, homens de saber e virtudes alistados na campanha anti-alcoólica. O de que precisamos é de acção, não de palavras, mas acção norteada pelo exacto conhecimento do terreno e perfeita comprehensão das possibilidades que o meio composta e o momento aconselha.

Já Euclides da Cunha, com a aguda observação de seu grande espirito, disse que no Brasil, em geral, é pelas cimalthas que se começam as obras.

Não poderemos adoptar, por emquanto, medidas radicaes contra o alcoolismo. Não é, de facto, um fantasma, senão uma realidade palpitante entre nós, o caso das injuncções politicas. Mas podemos fazer

alguma cousa, e devemos alguma cousa fazer.

E' positivamente certo o que disse em sua conferencia o Dr. Miliciades Sá Freire: «A legislação vigente, embora fraca, poderia, entretanto, concorrer para minorar o abuso do alcool, si não vivesse em quasi absoluto olvido das autoridades publicas».

O Dr. Ernani Lopes organizou uma estatística do numero de botequins que mensalmente se installam entre nós e ficou surpreso ante o excesso de taes casas sobre todos os outros ramos de negocio.

Disse Evaristo de Moraes que ha aqui na Capital esquinas, cujos 4 angulos são occupados por estabelecimentos em que ha commercio de substancias alcoólicas.

De accôrdo com a observação do nosso meio, parece-nos que seria possivel augmentar ainda a taxação do alcool. Quando uma garrafa de cerveja custar 5\$ ou um calice de aguardente 2\$ ou mais, sem duvida que não haverá tanta gente a beber.

Poder-se-ia limitar o numero de licenças para botequins, exigindo distancia, que seria fixada, entre um e outro; poder-se-ia tornar effectiva a prohibição da venda de alcool a menores e a mulheres; poder-se-ia proibir a venda de alcool aos domingos, feriados e dias santificados e bem assim depois das 7 horas da noite.

— Quero falar agora, e num registro especial, do *ensino anti-alcoólico nos cursos primarios*, a exemplo do quo se faz em França, na Belgica, na Suissa, na Suecia, na Noruega, na Dinamarca.

Sendo a idade escolar a época em que melhor se gravam as noções, é precisamente quando se deve incutir na criança o horror do alcool, mostrando-lhe, em exposições claras e precisas, os males que elle produz e o prejuizos que acarreta.

O italiano Pasquale escreveu um livro de leitura para os alumnos das escolas primarias sobre o alcoolismo, e outro, acerca do mesmo assumpto, dedicado aos professores. E' um exemplo que poderemos imitar.

Tomadas as medidas preliminares aqui apontadas, instituidos os asylos para toxicomanos, a exemplo do existente no Engenho de Dentro, sob a direcção do Dr. Gustavo Riedel, e teremos dado um passo seguro para nova éra de redempção e de felicidade.

A vós, senhoras professoras, cabe a dianteira nessa cruzada. Pela ascendencia que usufruis sobre a juventude, com o devotamento, a paixão e a sinceridade que vos são inherentes, haveis de obter resultados magnificos. Do vosso concurso depende grandemente o futuro de nossa patria. Tendes em mãos a argilla constructora do porvir. E' o Brasil de amanhã que formais com os vossos ensinamentos, instruis com os vossos conselhos e sobretudo edificais com o vosso exemplo.

A missão do professor primario é, em verdade, ardua e cheia de contrariedades e aborrecimentos. Mas de lado ponde os obices que se vos apresentam, fazei uma barreira no vosso espirito aos desgostos, que são de todas as horas, e tende os olhos firmes no nome do Brasil, aberto o coração, e confiai que a semente do vosso esforço não se perderá na esterilidade da pedra, mas reverdecerá em frutos e em bençãos se transformará.

Crêde no futuro e porfiai para que de vossas escolas saiam homens cada vez mais aptos para a vida, cada vez mais prestantes á patria e em tudo sejam dignos desta terra maravilhosa e opulenta, em cujos céus eterno scintilla o Cruzeiro do sul.

Os professores que desejarem ver os seus alumnos estudiosos e bem dispostos,

— = — devem dar-lhes os especiaes productos da fabrica de balas — = —

“Rebuçados Especiaes”

“Deliciosos

— doces de leite” —

“A BRASILEIRA”

Caramellos de mel

— e —

— de chocolate —

BALAS DE TODOS OS PALADARES

Rua Gal. Andrade Neves, 69-71 — Phone 2598 — Nictheroy

Prática de Escola Activa

Centro de interesse

"A GALLINHA DE PINTOS"

3º ANNO

Preambulo — Julga-se que a gallinha commum é originaria da India, proveniente da Conchinchina. A sua domesticidade, que não se sabe quando nem onde foi feita, data da mais alta antiguidade, sem nunca ter podido o homem, fazel-a regressar ao typo selvagem.

Observação — Apresentar uma gallinha em condições de chocar.

Fazer os alumnos collaborarem na contrucção do ninho. Local apropriado. Acompanhar com attenção o periodo de incubação dos ovos. Observar o carinho com que ella agasalha sob as azas os ovos e finalmente os pintinhos. Solicitudude com que attende aos seus apellos.

Comparação — Comparar o ninho com a casa, o lar paterno.

Acção importante dos paes, na formação moral de seus filhos. Carinho e dedicação materna.

Associação — A gallinha: sua classificação entre os vertebrados.

Ave. Citar os nomes de algumas aves e descrever por fim a gallinha. Para que servem as azas? O homem vâa?

Como? O Sonho de Icaro. Santos Dumont.

Relação entre a gallinha e o gallo; caracteres que os distinguem: plumagem, vóz cacarejante, sibilante, quando fóra do estado normal. Alimentação: *Eomnivora*. Rapido estudo comparativo entre as funcções digestivas do homem e da gallinha: o *estomago* e a *moella*.

Importancia de sua alimentação na

postura dos ovos. Substancias animaes e vegetaes que ella ingere: detricos animaes, insectos e plantas.

A *super-alimentação* e a *sub-alimentação*. *Ração normal ou de equilibrio*.

Qualidade — Bôa mãe. Fecundidade.

Ovos que pôde pôr no 1.º anno, no segundo, no terceiro e no quarto. Deve então sêr sacrificada. Por que?

Utilidade:

Alimentação, a gallinha é carne branca, muito usada como alimento commum. Carne de frango: alimento dos fracos e convalescentes. *Industria*: Gallinocultura. *Processo natural de reprodução* — Presa: quem lhe faz o ninho? Em liberdade: ella faz o ninho de que? Onde? Como? Quantos ovos pôde agasalhar sob as azas? Quantos dias levam os pintinhos para deixarem a casca? Tratamento que terão: hygiene.

O gallineiro, a agua, o vasilhame e o poleiro. Que aconteceria aos pintinhos se estivessem soltos? Citar os nomes de outros animaes que atacam os pintos. Molestias que assolam a criação: bouba, bronchite, dephteria, etc. Tratamento. A cebôla, como panacéa para a cura de todas as doenças das gallinhas. *Processos artificiaes de reprodução* — A chocadeira, a criadeira, a cevadeira ou engordadeira. Acção do calôr na geração do ovo. *calôr. Thermometro. Temperatura. Calôr animal Combustão*. Falta que faz aos pintinhos o amôr materno. Como são criados os pintos sem mãe. Devemos maltratar aos animaes? Caracter que demonstra quem de tal fórmula procede. Sociedade protectora dos animaes. *Commercio. Importação e exportação. Meios de transporte e comunicação*. O excremento, como adubo de primeira ordem. As penas, como materia prima para varias industrias. O ovo. Diferença entre animal *oviparo* e *viviparo*. Nem todos os animaes sahem do ovo sob a fórmula que terão em sua existencia: *larva; mosquito; febre amarella; Oswaldo Cruz.*

Fôrma do ovo: *ovoide*, asymetrica nas extremidades. Descrever a ovo: A casca: calcarea, lisa, porosa: *porosidade*.

Côr: muito variavel, mas a mesma para cada especie: exemplos. A camara de ar. A clara: albumina. Gemma: côr, fôrma, substancia. *Qualidade*: Ovo fresco, pesado; perde cada dia um grammo do seu peso, porque?

O *grammo*; *multiplos* e *sub multiplos*. *Relação entre o grammo, o metro e o litro*. *Systema Metrico*. Suas applicações dentro do centro de interesse — *Balança*. Exercicios e problemas dados pela professora ou sugeridos pelos alumnos.

Ovos chocos. Como se distinguem? Ovos velhos: que acontece á gemma e á clara?

Meios para se saber si o ovo é fresco: agua e sal — *solução*. Processo para a conservação dos ovos: solução de agua de cal. Conserval-os em lugar sombrio. *acção da luz sobre o ovo*. *Utilidade* — Alimentação; muito nutritivo. Peso: 60 grammos; corresponde a 40 grs. de carne e 120 grs. de leite; seu emprego para as pessôas fracas; debilitadas. *Medicina*. As claras: clarificação de xaropes. As gemmas: cataplasmas, gemmadas. *Industria* — Fabricação de dôces.

Passando á Historia: O «Ovo de Colombo», meio engenhoso de que o celebre navegador se serviu, para confundir os invejosos. O uso dos «Ovos de Paschoa». Fabula: «A gallinha dos ovos de ouro».

Expressão verbal — Leitura oral e silenciosa de trechos relativos ao assumpto. Palestras, commentarios, exposições. Recitação. Redacção. Composição de sentenças. Cartas Bilhetes. Exercicios: palavras *primitivas* e *derivadas*, *simples* e *compostas*, extrahidas do seguinte vocabulario:

Nomes — postura, ovo, pinto, gallineiro, vasilhame, poleiro, reprodução, incubação, geração, alimentação, criação, milho, trigo, solicitudude, cuidado, plumagem, vóz, moella, gallinha, frango, gallo, azas, etc.

Qualidades — bôa, má, choca, poedeira, gorda, magra, cacarejante, sibilante, fecunda, doente, sadia, bonita, feia, brilhante, nacional, estrangeira, preta, branca ou carioca, mestiça, legitima, pura, grande, pequena, carijó, poláca, arripiada, etc.

Acções — Agasalhar, aconchegar, pôr, deitar, tirar, chocar, comer, bicar, bebêr, ciscar, mariscar, cacarejar, cantar, correr, pular, vôar, beliscar, olhar, escutar, abafar, acolher, zelar, piar, andar, parar, fugir, attender, sentir, morrer.

Expressão linear — Desenhar A gallinha de pintos: copia do natural pela perspectiva de observação. Desenho espontaneo.

Modelagem — de memoria: A gallinha e os pintinhos.

Para sêr recitado:

«NINHO»

Luzia Britto.

Ninho, chrômo subtil da natureza,
Flôco em matiz, qual flôr dos nenuphares;
Neste, colchêa a ave entre os palmares;
Um outro, além, se occulta na deveza...

Do Sol, é a Terra o ninho de riqueza;
Ninhos existem, que se chamam — lares!
O coração é o ninho dos pezares,
Que a alma santa bem diz, na sua pureza!

Quer symbolize o ninho uma cabana,
Uma simples palhoça, uma choupana,
A moradá real, um nobre paço!

Eguaes são elles, no tecido vario
Ao ninho da ave, agreste, solitario,
— Si o Amôr os prende sob o mesmo laço!

Nair Meira de Vasconcellos.

Prof.^a da Escola «Republica do Perú».

Tres Palavrinhas

Seneca—O nome do celebre philosopho, moralista, de Roma, que foi preceptor de Nero, sempre me pareceu que todos o sabiam pronunciar correctamente, com accentuação tónica na antepenultima syllaba, unica prosodia admissivel. Ha dias, porém, grande foi minha surpresa ao ouvir dizer alguém *Seneca*. Era pessoa intima e então, como eu, valendo-me dos privilegios da antiguidade e anciania, lhe obtemperasse que errava, tornou-me que estava convencidissima até então de ser *Seneca* a pronuncia e que de muitas collegas assim ouvira dizer o nome de distincto collega paulista, autor de dois ou tres bons livrinhos.

Mas é *Sêneca* que se diz, não haja haja a menor duvida!

Cochrane—Estava tambem imbuido de que todos pronunciavam correctamente este nome que, embora inglez, está duplamente ligado ao Brasil, pois é bem notorio o papel desempenhado pelo Almirante Cochrane, Thomas, decimo conde de Dundonald, comandante da esquadra brasileira logo depois de feita a Independencia, e por outro lado o nome de Cochrane ficou em uma numerosa e illustre familia brasileira.

Muito, pois, me surpreendeu ouvir dizer *Cocrâne* em vez de de *Cócra-ne*! Da primeira vez, não tanto, pois era um modesto conductor de automovel que me dizia dizer fazer ponto na rua *Crocrâne*, esquina de São Francisco Xavier; mas da segunda vez... da segunda foi pessoa bem illustrada, que não sei como até agora não percebeu o erro em que cae.

Inverter—Encontro em problemas de afamado compendio de arithmetica, que «uma pessoa *inverteu* certos capitaes em um negocio».

Em vão procuro nos dictionarios da lingua e não dou com o verbo *inverter* no sentido de «collocar», «empregar» dinheiro ou capital.

Donde viria esse emprego erroneo, que não é só do referido compendio, mas tambem encontradiço em jornaes?

Creio que o verbo inglez *to invest* seria a origem: um erro typographico teria feito ler *invert* e fabricou-se o verbo portuguez...

Porque *to invest* existe na lingua ingleza exactamente com a accepção em que andam empregando *inverter*. Leio em um bom dictionario: «*To invest, to place or lay out money in some species of property*».

A adoptar um verbo, á semelhança de *to invest*, teriamos de arranjar-nos com *investir*, mas creio mais avisado que nos vamos servindo de *empregar* e *collocar*, que dizem o mesmo.

Mestre-Escola

Indice de Tres Palavrinhas

Ainda uma vez publico o indice, posto em dia das *Tres palavrinhas*, secção que tem merecido a sympathia e a benevolencia de tantos leitores bondosos.

Saca-rolha. Telephonema. Impermevel Julho 1923.

Fac-simile. Specimen. Elite. Agosto 1923.

Alacre Garrulo. Garrido. Setembro 1923.

Bonachão. Cacaréo. Postergar. Correspondencia: *Acabou abraçando-o por lhe vêr derramar uma lagrima. — Aqui é que... Foi lá que...* Outubro 1923.

Libellula. Lança-perfume. Delta. Correspondencia: *Por mais que..., Por menos que..., Por pouco que..., Até que.* Dezembro 1923.

Dandy. Refem. Subentender e subentender. Correspondencia: *Vamos que...* Janeiro 1924.

Egide. Levedo Inerme. Correspondencia: *Por inzemplo. Problema. Guaira.* Uso de estrangeirismos. Fevereiro 1924.

Compar. Hilare. Impar e dispar. Março 1924.

Novel. Exodo. Orago. Correspondencia: *Abrupto. Belgo-brasileiro.* Abril 1924.

Braguilha. Lidimo. Opimo. Correspondencia: *Sarampão e Meyer Lübke.* Maio 1924.

Tranzido. Despencar-se. Homizio. Junho 1924.

Gracil e outras pals. term, em il. Decano. Arcano. Julho 1924.

Anemona. Lumbago. Voluta. Correspondencia: *Analyse syntactica de Lus. III. 25: Destes Anrique, dizem que segundo...* Agosto 1924.

Parlamentar. Sumptuario. Vultuoso. e vultoso. Setembro 1924.

Espontaneo. Olympiadas. Epheméride. Correspondencia: *A maneira de se os analysar.* Outubro 1924.

Conjuge. Superstite. Esquirola. Correspondencia: *Ganhar de alguém. Arrumar.* Novembro de 1924.

Arratel. Assecla. Empingem. Correspondencia: *Emprego do gerundio.* Dezembro 1924.

Luthero. Espocar. Substrato. Correspondencia: *Esquecer por ser esquecido.* Janeiro 1925.

Inconteste. Insolito. Soez. Correspondencia: *Será que...?* Março 1925.

Pyjama. Chicago. Formicida. Correspondencia: *Nojo.* Abril 1925.

Cercania. Gorgona. Lista e listra. Correspondencia: *Palavras terminadas em cida. — Será? por acaso. — Albania. — Que fim levou F.?*—Dictionarios. Maio 1925.

Climaterico. Cardinalado ou cardinalato. Chim, china, chins, chinez. Correspondencia: *Edições dos Lusíadas.* Junho de 1925.

Alimaria. Cathedra. Escapula. Junho 1925.

Avaro. Condomino. Estroina. Agosto 1925.

Tampar. Proseguir. Proselyto, promper, prorogar. Correspondencia: *Divisão de syllabas.* Setembro 1925.

Alinea. Diptero. Diedro. Novembro 1925.

Creusa. Eliezer. Andromaca. Cor-

respondencia: *Aqui jaz, aqui jazem.* Dezembro 1925—Janeiro 1926.

Inhabil. Tramites. Penates.—Inherente, inhospito, inhumano, inhumar, etc. Fevereiro 1926.

Arguir. Prototipo. Sogros. Março 1926.

Arguto. Colorau. Arcano. Abril 1926.

Hippolyto. Hippocrates. Natividade. Correspondencia: *O uso do y em palavras de origem indigena.* Maio 1926.

Policlinica. Camouflage. Xurear.—Garage, chantage. Junho—Julho 1926.

Guia. Carioca e fluminense. Paulista e paulistano. Agosto 1926.

Schema. Schisto. Scelerado. Setembro 1926.

Casino. Gloriola. Logar tenente. Outubro 1926.

Batavo. Ousio. Schisma. Novembro 1926.

Quadriennio. Sibilo. Estadio. Dezembro 1926.

Monroe. Iturbide. Beccaria. Janeiro 1927.

Eczema. Califa. Catechumeno. Fevereiro 1927.

Anhanga. Recobrado e requebrado. Coaltar. Março 1927.

Dolo. Introito. Algoz. Correspondencia: *Graphias.* Abril 1927.

Antigone. Atropos. Damocles. Correspondencia: *Bibliographia do argot inglez ou slang. Linguas do mundo. Dialectos inglezes.* Maio—Junho 1927.

Esmoler. Quilombola. Monstrengo. Julho 1927.

Electrocutar. Entremettido. Involucro. Correspondencia: *Perguntar e perguntar.—Que muito a quer ou Que muito lhe quer?*—Agosto—Setembro 1927.

Diatribes. Cortez. Bolivar. Outubro 1927.

Intemerato. Periplo. Chios. Novembro—Dezembro 1927.

Perito. Alluvião. Horrisono. Correspondencia: *20 de Abril—Pal, palavra ingleza.—Data do Carnaval.* Fevereiro 1928.

Punir. Parelheiro. Jeremiada. Março 1928.

Ibero. Inseto. Felonia. Abril 1928.

Cumiada, Olvido. Liame. Maio 1928.
Recital. Palace. Bow-window. Junho 1928.

Ariovisto. Alberico. Erico. Correspondencia: Divisão de um periodo de Taunay e classificação das orações. Julho 1928.

Exudato. Transudar. Adusto. Correspondencia: *Castor oil*, Agosto 1928.

Interim. Gratuito. Inaudito. Correspondencia: *Aberta que foi... Rota que esteja...* Setembro 1928.

Subsidio. Omoplata. Adjutorio. Correspondencia: 1.º) *Tudo que e tudo o que.* 2.º) Exemplos de linguagem impropria e de mau gosto. Novembro 1928.

Odontolando. Divulgar. Detrito. Correspondencia: Exemplos de má linguagem. Dezembro 1928.

Aristobulo. Canopo ou Canopus. Cleopatra. Janeiro 1929.

Unisono. Ficus. Parasita. Correspondencia: *Requerer a e requerer de.* Fevereiro 1929.

Telephonema. Alcool. Zenite. Março 1929.

Canova. Numida. Pollux. Correspondencia: Analyse de um trecho de *Macdo*. Abril 1929.

Postigo. Pasmio. Paniel. Correspondencia: *por mais que..., nunca foi visto vacillar* (analyse logica) Maio 1929.

Amalgama. Epiphania. Ituzaingó. Junho 1929.

M-E.

MIÚDEZAS DE LINGUAGEM VIII

¿ Deve dizer-se sulfeto ou sulfureto?

A forma certa e corrente é sulfureto. De sulfurorum, genitivo plural de sulfur, tira-se o tema sulfur, de acôrdo com a norma filológica. A sulfur acrescentando-se a terminação *eto*, têm-se sulfureto. Devia dizer-se sulfurato, sulfurito e não sulfato, sulfito. Mas, as últimas formas são inconcertáveis, por por muito velhas e de uso generalizado, até entre o povo. Do errar-se em sulfato e em sulfito não há-de colher-se argumento para errar-se a propósito de sulfureto. A prevalecer tal razão, havia de dizer-se ácido súlfico, ácido sulfoso e não sulfúrico, sulfuroso. São certas as duas últimas formas, como certo é sulfureto fosforeto...

Se sulfeto fôsse de uso espalhado, como é sulfato, não seria aconselhável a correção. Acontece, porém, que a boa forma é corrente e usada até pelo povo, que, falando de várias dermatoses, sabe aconselhar o banho sulfuretado.

A forma sulfeto foi usada aqui por professor de Química que não sabia a regra para formarem-se os temas das palavras. Por analogia com cloreto, brometo, fez sulfeto. Felizmente o erro é dos que não trarão grande mal. E' apenas erro...

P. A. Pinto.

CALÇADOS FINOS, velludo, setim,
-- pellica, lamê e pelle de cobra --

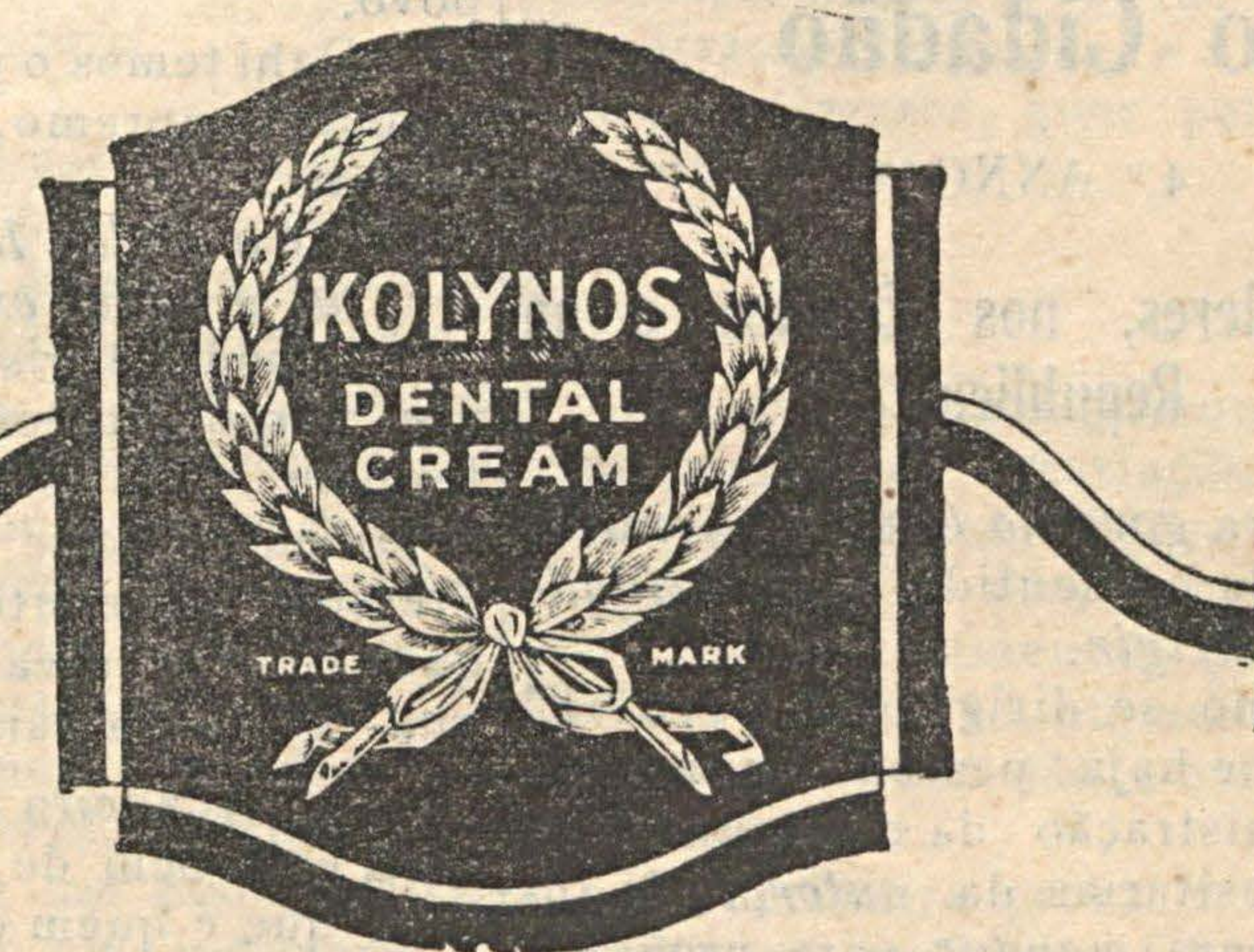
Telephones 2616 e 3302 Central
— Rio de Janeiro —

CASA DO BASTOS

Fernandes Bastos & Cia.

19, RUA URUGUAYANA, 19

ENTRE 7 DE SETEMBRO E OUVIDOR



As propriedades de um dentifricio

"De reacção brandamente alcalina, contendo carbonato de calcio como elemento abrasivo, substancia saponacea como emulsificante, de aroma e sabor agradaveis, antiseptico, mas inoffensivo para a membrana mucosa e, no seu conjuncto, não venenoso para o organismo. Não deve impedir a secreção da saliva nem alterar a sua reacção."—Dr. Herman Prinz, "Materia Medica e Therapeutica," 1916.

O creme dentifricio Kolynos preenche todos estes requisitos. Contem carbonato de calcio não abrasivo, substancia saponacea vegetal pura como emulsificante e é de sabor e aroma extremamente agradaveis.

As suas propriedades antisepticas foram atestadas pelo Dr. E. Walter, director do Instituto de Hygiene, Universidade de Greifswald; pelo professor Rettger, Sheffield Scientific School, Universidade de Yale; e pelo Dr. Reddish, Repartição de Chimica, Ministerio de Agricultura dos Estados Unidos. Mostra uma summula dos resultados que obtiveram que o creme dentifricio Kolynos destroe de 80 a 92% das bacterias da bocca sem a minima offensa da membrana mucosa.

Distribuidores: Paul J. Christoph Co.
95, Rua do Ouvidor, Rio de Janeiro

CREME DENTAL KOLYNOS

Y 2 P

Educação do Homem e do Cidadão

4.º ANNO

Os tres poderes, nos Estados e na Republica

A palavra *governo* é frequentemente, empregada no sentido de *autoridade* ou *poder de dirigir*.

Ora, como se dirige um povo? E' necessario que haja pessoas encarregadas da administração da communitate, pessoas depositarias da *autoridade* indispensavel para *mandar*, para *prohibir*, para *permitter* que se façam certas coisas, bem como para *providenciar* no sentido de ser dado á população satisfazer suas necessidades, provêr a seu conforto, etc.

A autoridade pode ser exercida de modo *arbitrario*, que é o proprio dos povos atrasados, das tribus selvagens, e pode ser exercida por meio de *regras*, ou *principios*, que são as *leis*. Este é o processo proprio dos povos civilizados.

Todo povo civilizado governa-se por meio de *leis*, isto é, de *regras* imparciaes, regras geraes, tendentes ao bem commum.

Taes leis poderiam ser estabelecidas pelo proprio chefe, para bem de seus subordinados e facilidade da administração, e foram no durante certo tempo. Era a vontade do principe, ou do rei, que se crystallizava em regras e principios.

Hoje, entretanto, as coisas estão mudadas.

Admitte-se como verdade incontestavel, como principio fundamental, na organização do governo dos povos, que elles devem ser na verdade governados por meio de *leis* justas equitativas, prudentes, geraes e não parciaes; mas que um deve ser o corpo encarregado de *fazer essas leis*, outro o de *executal-as*;

bem assim que os encarregados de fazel-as devem ser escolhidos pelo proprio povo.

Dahi temos o governo, a autoridade, o poder supremo, dividido já em dois ramos.

a) o poder legislativo

b) o poder executivo

O poder legislativo é exercido por um corpo numeroso de pessoas, que formam uma assembléa ou duas e a cujo conjuncto se dá o nome de Congresso, Parlamento, Assembléa, ou qualquer outro equivalente, conforme a lingua falada no paiz.

A verdadeira autoridade maxima reside, está bem de vêr, no poder legislativo, que é quem dá as regras, os principios, as normas, as leis, as autorizações. Mas é uma autoridade, por assim dizer, abstracta, geral, impessoal. Assim, as assembléas criam serviços, mas não escolhem (de regra) o pessoal que tem de realizal-os, nem os fiscalizam diariamente.

Ao poder executivo é que cabe, como o nome está a indicar, executar a lei, realizando praticamente o que o legislativo planizou em linhas geraes.

E' claro que, na maioria dos casos, o legislativo e o executivo agem de commum e perfeito accordo, evitando entrar em lucta, que só pode prejudicar aos interesses da nação.

Mas ainda temos alguma coisa.

Feita a lei, pode acontecer que o executivo não a cumpra perfeitamente, bem como pode acontecer que uns cidadãos, garantidos pela lei, possuam queixas contra o poder executivo que os molesta, ou contra outros cidadãos, que os prejudicam.

Então, imaginou-se um terceiro orgão da autoridade, a quem incumbe decidir, dentro das leis, a quem cabe a razão nos litigios. E' um terceiro *poder*, o poder que julga, que decide, que dicta qual é a justiça, com quem está a razão, bem como estabelece a punição que, dentro ainda das leis, cabe aos transgressores da justiça.

A este terceiro orgão da autoridade suprema chamamos

c) o poder judiciario.

Todos os modernos governos assim são organizados em tres poderes.

Em cada Estado do nosso Brasil assim tambem está dividida a autoridade: ha o poder legislativo, o poder executivo e o poder judiciario do Estado. O poder legislativo exercido por uma ou duas *camaras* ou *assembléas*, o executivo, pelo *governador* ou pelo *presidente*; o judiciario pelos tribunaes e juizes.

Além dos governos estaduaes ha, porém, o *governo federal*, da mesma maneira organizado: ha um poder legislativo, um executivo e um judiciario federaes. O legislativo, exercido pelas duas casas do Congresso Nacional: a Camara dos Deputados e o Senado Federal; o executivo, pelo Presidente da Republica; o judiciario, pelos juizes e tribunaes federaes.

Othello Reis

Geographia

MOVIMENTOS DA TERRA

Observação prévia—Antes de encetar o trabalho de hoje, seja-me permitido explicar aos leitores a nenhuma responsabilidade que me cabe em varios erros que sahiram em meu artigo do ultimo numero. O trabalho de Geographia appareceu inçado de erros typographicos, felizmente quasi todos de facil emenda espontanea, taes como *hyroscopio* em logar de *gyroscopio*, *Foncault* e *Foncault* em logar de *Foucault*, etc. Ha, porém, uma grande ommissão, de frase inteira, que me apresso em corrigir.

E' na terceira alinea, em «Este facto é precisamente comprovado»...

O que escrevi foi o seguinte: «Este

facto é precisamente comprovado, quer pelas medidas das distancias lineares correspondentes a 1 gráo do meridiano, em diversas latitudes, e a 1 gráo de parallelos diversos, quer pelas oscillações do pendulo, etc.»

Nosso planeta possui tambem um movimento de translação em torno do Sol. As demonstrações que podemos fornecer não se revestem, infelizmente, do character elementar que possuem as provas da rotação, ou melhor: as provas elementares não dão a evidencia que seria de desejar.

A primeira prova é uma demonstração por analogia. Observamos que a Terra é, segundo todas as noções adquiridas, um corpo espherico, como os demais planetas que nosso telescopio ou nossa luneta alcança, como Jupiter, Venus ou Marte, por exemplo; está collocada no espaço inteiramente isolada de qualquer prisão ou apoio material, solta, como Jupiter, Venus ou Marte; possui um movimento de rotação, como o que observamos nos demais planetas, logo, podemos acreditar, por analogia, que a Terra tenha o mesmo movimento de translação em torno do Sol, de Occidente para Oriente, embora a apparencia seja de que o Sol se move em torno da Terra.

A segunda demonstração é feita pela comparação das massas do Sol e da Terra. A massa do Sol, diz-nos o calculo, é cerca de 330.000 vezes maior do que a massa da Terra. Dahi se comprehende facilmente e a mecanica se incumbe de demonstrar, que é mais admissivel que exista no Sol uma força capaz de manter em sua orbita a Terra, do que nesta uma força que faça o Sol descrever uma orbita em torno della, o corpo attrahido tão mais pesado que o corpo attrahente.

A terceira demonstração é fornecida por um phenomeno chamado *aberração*, de que infelizmente não posso aqui tratar, pois me levaria muito longe.

O phenomeno da aberração da luz das estrellas encontra perfeita explicação quando se admite a hypothese da translação da terra; sem esta, é inexplicavel.

A quarta demonstração é dada pelo proprio movimento de rotação, já anteriormente provado. Ora, o movimento de rotação, se existe, tem de ser considerado como resultado de uma causa qualquer, que communicou á Terra um impulso, mas toda força que applicada a um corpo livre, fóra do centro, produz uma rotação, determina tambem um movimento de translação, como vemos com o pião que, lançado no espaço, com o impulso do braço do menino, não só gyra, mas tambem descreve no chão uma linha: movimento de rotação e movimento de translação ao mesmo tempo.

A quinta prova é uma demonstração pela simplicidade e generalidade da hypothese. Os antigos, que suppunham immovel a Terra, eram obrigado para explicar os movimentos dos planetas e da Lua, a appellar para complicadissimas theorias, que em seu entender podiam justificar os movimentos anómalos, chamados estacionarios e retrógrados. Tão complexa era a explicação do universo segundo os sabios anteriores a Copérnico, que a proposito della se attribue ao rei da Espanha Affonso o Sabio a celebre frase: «Si Deus me houvesse consultado quando fez o mundo, eu lhe teria dado bons conselhos».

Admittida a hypothese de Copérnico, isto é, o Sol centro de um mundo

e em torno delle os planetas a moverem-se, tudo se explica facilmente e pelos mesmos principios geraes.

Ha ainda uma demonstração que se costuma apresentar: é pela parallaxe annual das estrellas. Não posso, porém, tratar do assumpto, pois me seria necessario explicar primeiro o que é parallaxe e diz-me a consciencia que não devo tental-o aqui.

Em summa, a hypothese do movimento de translação da Terra explica o que era inexplicavel e simplifica extraordinariamente todos os movimentos dos demais astros, logo somos levados a admittil-a como verdadeira.

A terra move-se do Occidente para Oriente, percorrendo quasi 1 gráo por dia, com uma velocidade de quasi 30 km. por segundo. Que esta é uma boa velocidade, logo se comprehende, quando se imagina que um trem muito veloz anda 30 metros por segundo! Mil vezes menos!!

Apezar da certeza scientifica que possuimos de mover-se a Terra em torno de seu proprio eixo e em torno do Sol, e não este ao redor della, dizemos constantemente, por inveterado habito de linguagem, que os estudiosos não fazem empenho em extirpar, que o Sol se move em torno da Terra, que elle *passa* sobre as cidades, que se desloca no céo, descrevendo a ecliptica, etc. Falamos dos movimentos apparentes, illusorios, como se reaes fossem.

Othello Reis

CASA CIRIO

GRANDE SORTIMENTO DE ARTIGOS
DENTARIOS

JULIO BERTO CIRIO & Comp.

Rua do Ouvidor, 183

Perfumaria e cutelaria finas

Importação directa dos Estados Unidos
e Europa

END. TELEGRAPHICO CIRIO
— RIO DE JANEIRO —

TELEPHONE N. 1317 NORTE --- CAIXA POSTAL N. 15